

O CLAMOR DAS ALMAS

Richard
Simonetti

O Clamor das Almas

SOCIEDADE ESPÍRITA
JOÃO DE DEUS
RUA DO JANGADEIRO S/N
M. BRANCO - BEBERIBE - CE 8140.8194

Richard Simonetti

ISBN 85-86359-43-7

Capa:
Milton Puga

1ª edição – abril de 2009

10 000 exemplares

O Clamor das Almas

MARIA SILVA

Richard Simonetti



Rua 7 de Setembro, 8-06
Fone/Fax 514 3227 0618
CEP 12715-001 - Bauri - SP
e-mail: coaditfoc@ceac.org.br
site: www.ceac.org.br

REVISTA - REVISTA DE
ESPÍRITA
UNO ANO DE 2009
JOÃO DE DEUS
SOCIEDADE ESPÍRITA

ISBN 85-86359-63-7

Capa:

Milton Puga

1ª edição – abril de 2008

10.000 exemplares

Copyright 2008 by

Centro Espírita Amor e Caridade

Bauru SP

Edição e distribuição



CEAC
EDITORA

Rua 7 de Setembro, 8-56

Fone/Fax 014 3227 0618

CEP 17015-031 - Bauru - SP

e-mail: ceaceditora@ceac.org.br

site: www.ceac.org.br

ISBN 85-86359-63-7

Capa
Milton Puga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Simonetti, Richard
O clamor das almas / Richard Simonetti. --
Bauru, SP : CEAC Editora, 2008.

ISBN 85-86359-63-7

1. Espiritismo 2. Reflexão I. Título.

08-00191

CDD-133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Reflexões : Espiritismo 133.9

Edição e distribuição

CEAC
Rua 7 de Setembro, 8-26
Fone/Fax 014 3327 0618
CEP 13715-081 - Bauru - SP
e-mail: comercial@ceac.org.br
site: www.ceac.org.br

Sumário

Como Bartimeu	95
As duas faces	101
Solitário	102
O clamor	107
Efeitos	115
Por que	117
Salvação	147
Vida extraterrestre	151
Homossexualidade	153
Senhores	157
Penda de tempo	161
O dia D	167
Para nossa edificação	171
Mandar o povo pensar	177
Todos os dias	181
Templo sagrado	185
A terapia do passe	189
Boa e santa passagem	193

Sumário

Como Bartimeu	13
As duas faces	17
Solitário ou solidário?	25
O clamor das almas	39
Efeitos	49
Por amor do amor	59
Salvação	67
Vida extraterrestre	73
Homossexualismo ou homossexualidade?	83
Sem choques	95
Perda de tempo	101
O dia D	107
Para nossa edificação	115
Mandar o povo pensar	137
Todos os dias	147
Templo sagrado	153
A terapia do passe	159
Boa e santa passagem	167

Sumário

13	Como Bartimeu
17	As duas faces
25	Solitário ou solitário?
39	O clamor das almas
49	Eletos
59	Por amor do amor
67	Salvação
73	Vida extraterrestre
83	Homossexualismo ou homossexualidade?
95	Sem choques
101	Perda de tempo
107	O dia D
115	Para nossa edificação
137	Manda o povo pensar
147	Todos os dias
153	Templo sagrado
159	A terra do povo
167	Bom e santa presença

Como Bartimeu

Se pudéssemos movimentar nossos canais de percepção, como quem gira o dial de um rádio, sintonizando determinada frequência, ouviríamos um alarido difuso, altissonante, perturbador...

Treinando os "ouvidos espirituais" perceberíamos o clamor de multidões atormentadas, vozes inarticuladas de sofredores de todos os matizes, em distâncias variáveis, desde os mais próximos, no círculo de nossas relações, aos mais distantes, estendendo-se como um deserto de escaldantes areais de infortúnio.

A criança inocente que se transforma no infeliz viciado.

O homem solitário que chora a morte de seres queridos.

O jovem carente de atenção.

O marginal formado na rude escola do abandono.

Os que se comprometeram com o comportamento egoístico.

Os que trazem enigmas de sexualidade.

Os desiludidos pela frustração de seus sonhos.

Imperioso atender aos clamores das almas, exercitando o Bem.

Muito nos auxiliará nesse empenho a participação ativa nesse templo sagrado que é o Centro Espírita, um hospital, em princípio, para nossos males; depois uma oficina de trabalho, onde tanto mais produtivos e felizes seremos, quanto maior o nosso empenho por assimilar as orientações doutrinárias, a começar pela prática mediúnica, favorecendo o intercâmbio com o além, a doação de magnetismo, os serviços da solidariedade...

Como Bartimeu (Marcos, 10:46-52), que clamava por Jesus, em quem via a cura para sua cegueira, clamamos todos os dias pelo Mestre, pedindo solução para nossos problemas, superação para nossas dificuldades...

À semelhança do que fez com o cego de Jericó, Jesus nos chama com a voz da oportunidade, ensejando aprendizado e trabalho na Seara do Bem para nos cumular de bênçãos.

Segundo o relato evangélico, Bartimeu tinha uma capa que usava como esteira para sentar-se à beira do caminho, onde mendigava. Destaca o evangelista que, desfazendo-se dela, como quem estava certo de que não mais a usaria, Bartimeu ergueu-se e foi ao encontro do Mestre, que o curou.

Se você está interessado em atender a essa convocação, leitor amigo, desfazendo-se da capa das ilusões, terá nestas páginas um ensejo de reflexão em torno dos temas que singelamente sugiro nesta abertura.

Ficarei feliz se elas contribuírem para seu glorioso encontro com o Cristo na intimidade de sua alma, extinguindo seus clamores, como verá, na mesma proporção em que trabalhar por atender aos clamores de seus irmãos.

Bauru, dezembro de 2007

Site: www.richardsimonetti.com.br

E-mail: richardsimonetti@uol.com.br

As duas faces

Famoso artista assumiu o compromisso de pintar um quadro a óleo para a catedral de uma cidade italiana. Teria por tema a vida de Jesus. Durante meses dedicou-se ao gratificante trabalho.

Ao final, faltavam duas personagens:

Jesus menino e Judas Iscariotes.

Meticuloso, pôs-se a procurar os modelos ideais.

Em bairro de periferia encontrou um garoto de sete anos, cujo rosto o impressionou vivamente.

Tinha expressão suave, fisionomia tranqüila, olhos brilhantes e expressivos, exatamente o que desejava.

Conversou com os pais. Conseguiu que o levassem ao ateliê.

O modelo infantil posou pacientemente, até que a figura do sublime infante foi retratada, com toda a pureza e inocência pretendidas.

O pintor suspirou, aliviado.

Faltava apenas Judas.

O tempo passou, o quadro empacou; anos se sucederam, sem que o modelo ideal fosse encontrado.

O artista viu homens que traziam estampada na face a vilania e a degradação. Mas nenhum deles possuía uma fisionomia que configurasse Judas como o imaginava: deprimente figura, um infeliz vencido pela ambição, atormentado pela vil traição.

Os padres reclamavam. Ele próprio sentia-se envelhecer e temia não terminar a pintura, em face das exigências de sua própria arte. A obra inacabada acabou ficando num canto do ateliê, por duas décadas.

Mas o pintor não desistira.

Obcecado pela procura, examinava atentamente os homens com quem travava contato, sem que alguém se aproximasse do modelo idealizado.

Certa feita, bebericava um copo de vinho numa taverna, quando um mendigo, esfarrapado e magro, apareceu à porta. Cambaleante, caiu e rolou pelo chão.

Voz rouquenha, clamava:

– Vinho, vinho!

Compadecido, ao tentar erguê-lo, viu-lhe o pintor o rosto bem de perto e estremeceu de emoção.

Aquela fisionomia atormentada, viciosa, suja, desesperada, era o retrato fiel de Judas!

Emocionado, propôs-lhe:

– Venha comigo! Eu o ajudarei!

O infeliz o acompanhou.

Chegados ao ateliê, depois de ter satisfeito a fome e a sede do improvisado modelo, o pintor desvelou a tela, dispondo-se a iniciar o trabalho.

Entretanto, quando o mendigo a contemplou, deixou-se possuir por grande agitação, desandando em choro convulso.

O pintor ficou atônito.

– O que houve? Por que essa aflição?

Ele não conseguia falar, a chorar, atormentado.

– Fale meu filho! O que houve? Deixe-me ajudá-lo!

O infeliz controlou-se.

A gaguejar, fez surpreendente revelação.

– Não se lembra de mim? Há muitos anos estive aqui. Fui eu! Fui eu quem posou para o seu menino Jesus!

Este fascinante episódio dramatiza uma situação que se repete, indefinidamente, no Mundo:

A perda da inocência e da pureza, e o comprometimento com vícios e paixões, marcando a transição da infância para a idade adulta.

É comum os pais de criminosos que cometeram atrocidades comentarem, em desespero:

– Não posso acreditar que tenha sido nosso filho! Era um menino tranqüilo e gentil, incapaz de uma maldade! Como pôde transformar-se num monstro?!

Observando o comportamento desajustado, as más tendências que se manifestam no indivíduo, à medida que supera o estágio infantil, tem-se a impressão de que a sociedade corrompe as pessoas.

Essa era a idéia de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo do Iluminismo.

Ele proclamava que o homem é bom ao nascer, puro e sem mácula.

Nasce com a face de Jesus.

A sociedade lhe imprime o rosto de Judas.

É evidente que, se assim fosse, estaríamos diante de um fatalismo inconcebível, uma incoerência de Deus.

Colocar-nos num mundo onde fôssemos inexoravelmente induzidos ao mal.

A idéia de Rousseau tem outro problema.

Favorece o errôneo conceito de que a alma é criada no momento da concepção.

Seria, portanto, pura e imaculada, como um livro de páginas em branco, corrompida pela sociedade, que nela imprimiria todos os seus vícios e maldades.

Sócrates (470-399 a.C.), que viveu há mais de dois mil anos antes de Rousseau, tinha um conceito mais avançado.

Admitindo a idéia da Reencarnação, considerava que a criança não é um livro em branco. Guarda registros de vidas anteriores.

Educar seria não apenas fazer o Espírito entrar na posse de seu patrimônio de experiências pretéritas, mas também ajudá-lo a superar as tendências inferiores resultantes de seus desvios.

É exatamente esse o ponto de vista da Doutrina Espírita, a nos ensinar que a candura da criança, sua inocência e simplicidade, nada tem em comum com a natureza do Espírito que ali está.

Este, na verdade, permanece num estado de dormência e só começará a despertar para a vida física após os sete anos, acordando plenamente na adolescência, quando entrará na posse de sua personalidade e tendências.

Sua aparência, sua graça, sua inocência, têm por objetivo despertar em seus pais, naqueles que a cercam, sentimentos de proteção e carinho, fundamentais para que sobreviva, já que nessa fase o ser humano é totalmente dependente.

A partir da adolescência, o Espírito reencontra a si mesmo, com suas qualidades e defeitos.

A maldade, o vício, a incoerência, refletirão apenas aquilo que ele é, realmente, fruto de suas experiências passadas.

Por isso é que a face de Jesus pode converter-se na face de Judas.

A pureza aparente pode ocultar o comprometimento com paixões e vícios.

Há que se considerar, contudo, que a finalidade da existência na Terra é a renovação, a superação de tendências inferiores.

Encarnamos exatamente para evoluir.

As limitações impostas pelo corpo físico, que inibem nossas percepções, as dificuldades e dores da Terra, atuam como lixas grossas que desbastam nossas imperfeições.

Uma das revelações mais importantes da Doutrina Espírita está na questão número 383, de *O Livro dos Espíritos*, quando Kardec pergunta qual a utilidade da infância, e o mentor informa que nessa fase o Espírito é extremamente sensível às influências que recebe.

Muitas de suas tendências inferiores e fragilidades poderão ser superadas com a ajuda dos responsáveis por ela.

Naturalmente, é fundamental que haja o exemplo, que os pais estejam dispostos a viver o que ensinam aos seus rebentos, cultivando um comportamento digno e honrado.

De nada adiantará ensinarem ao filho que fumar é nocivo ou que não deve dizer palavrões, se eles próprios o fazem.

Artur Azevedo (1855-1908), escritor e teatrólogo brasileiro, narra ilustrativo diálogo entre pai e filho.

O pai, informado de que o menino mentia muito na escola, dá-lhe uma lição de moral, explicando-lhe, com variados exemplos, que é preciso dizer sempre a verdade.

Nesse ínterim, batem à porta. O pai termina a conversa recomendando:

– Vá atender, filho. Se for alguém que me procure, diga-lhe que não estou.

Óbvio que a possibilidade de corrigir tendências inferiores não acaba jamais. Na dinâmica da reencarnação, somos incessantemente estimulados à renovação, enfrentando as dificuldades e problemas da Terra.

A diferença é que na infância isso pode ser feito a partir da influência de pais e preceptores.

Na idade adulta, dependerá de nossa iniciativa.

Qual seria o caminho?

Jesus no-lo indica (Lucas, 18:15-17):

Trouxeram-lhe, então, algumas crianças para que lhes impusesse as mãos e orasse por elas, e os discípulos repreenderam os que as trouxeram.

Jesus, porém, disse:

– Deixai as crianças e não as impeçais de vir a mim. Porque delas é o Reino dos Céus. Em verdade vos digo: aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, de modo algum entrará nele.

O mestre situa as crianças como paradigmas da inocência e da pureza necessárias para que atinjamos o Reino de Deus.

Inocência – a pureza da consciência.

Pureza – a inocência do coração.

A face de Jesus menino tem se convertido, em nós, nas experiências reencarnatórias, na face lamentável de Judas.

Somos convocados, agora, pelo conhecimento espírita, a transformar a face de Judas na figura radiante do Cristo, empenhando-nos com tal ardor e dedicação, que um dia possamos repetir com o Apóstolo Paulo (Gálatas, 2:20):

...e já não sou eu quem vive, mas o Cristo que vive em mim.

Solitário ou solidário?

Natal é tempo de alegria.

Paradoxalmente, é também tempo de tristeza para aqueles que vivem dramas pessoais, envolvendo dolorosas perdas.

- O amor que acabou.
- O filho que partiu.
- O casamento que se desfez.

Pode não ser o que perderam, mas o que não ganham:

- O amor que não foi correspondido.
- O filho que não veio.
- O casamento que não se realizou.

E o Natal, que é sinônimo de conagraçamento, de reuniões festivas, inspira nessas pessoas o desejo de se trancarem em si mesmas, isolando-se na cidadela de suas frustrações.

Não é bom para a alma.

Essa solidão voluntária e amarga contraria nossa natureza gregária. Fomos programados para conviver. Os meios de comunicação de que dispomos, pela palavra, que nos distinguem dos demais seres da criação, foram outorgados para a vida social.

Nosso desenvolvimento intelectual, moral e espiritual, bem como o equilíbrio de nossas emoções, dependem desse referencial – a vida em sociedade.

Isolar-se é caminho certo para o desajuste.

Para que isso jamais nos aconteça, imperioso lembrar um dos objetivos principais da vinda de Jesus ao Mundo:

Foi para acabar com a solidão humana, a partir do cultivo de um amor diferente, que não falha, que não nos frustra, que nos realiza como filhos de Deus e nos faz sempre felizes.

Não é a ligação com alguém, na experiência do amor romântico.

Não é a ligação com alguns, na experiência do amor família.

É a ligação com a Humanidade, na divina experiência do amor universal.

Foi esse amor que Jesus ensinou e exemplificou.

Foi esse amor que evocou na célebre passagem evangélica:

Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos? Minha mãe e meus irmãos são aqueles que cumprem a vontade de Deus.

Não estava menosprezando os familiares.

Apenas destacava que, além da família humana, devemos cuidar também da família universal, dedicando a existência ao empenho de servir, que é o amor em ação.

Aqueles que servem, que se envolvem com o Bem, que ajudam o próximo, jamais são solitários.

Madre Tereza de Calcutá, a companheira dos párias e moribundos...

Irmã Dulce, a amiga dos enfermos...

Chico Xavier, que escancarou para nós as portas do mundo espiritual...

Eurípedes Barsanulfo, apóstolo do ensino, extraordinário médium de curas...

Léon Denis, o filósofo do Espiritismo...

Esses inesquecíveis benfeitores guardam algo em comum:

Não se casaram...

Não tiveram filhos...

E, sobretudo, nunca foram solitários!

Estiveram sempre envolvidos com muita gente, com os beneficiários de sua solidariedade, encontrando a felicidade, a realização pessoal, na glória do servir.

Às vezes a vida impõe que fiquemos sozinhos, inibindo a possibilidade do amor romântico ou do amor família, como uma convocação para o amor maior.

Felizes aqueles que a entendem e aceitam.

Poderão morar sozinhos, mas nunca em solidão.

Jamais alguém será solitário, enquanto dispuser-se a ser solidário.

Tolstoi (1828-1910), o grande romancista russo, oferece exemplo admirável a respeito do assunto, em comovente história que, com licença do autor, apresentarei em versão resumida:

Mikail era habilidoso sapateiro russo.

Vivia feliz com sua família: a esposa adorável e quatro filhos que faziam a alegria de seus dias.

Por contingências próprias dos tempos em que a Medicina não tinha o desenvolvimento atual, um filho ficou doente e morreu; o segundo filho adoeceu e também morreu; seguiram-se a esposa e o terceiro filho.

Restou-lhe apenas um menino, que passou a resumir suas mais caras esperanças, mas em breve foi levado pela inexorável ceifeira.

E Mikail, que tinha na família sua razão de existir, viu-se irremediavelmente só.

Revoltou-se. Afastou-se da religião; mergulhou na mais negra solidão, alimentou a idéia de morrer.

A vida perdera inteiramente o significado.

Apenas o trabalho lhe dava algum alento e era martelando o solado de sapatos que passava os dias, perdido em suas amarguras.

Depois de algum tempo, um amigo que o visitava condeou-se.

– Que tristeza é essa, Mikail! Você precisa reaprender a sorrir, animar-se, voltar a viver!

– Viver para quê?

– Para Deus, meu amigo!

– O que é isso?

– É cumprir a Sua Vontade. Fazer o que o Senhor espera de nós!

– Como descobrir qual é a vontade de Deus?

– Leia o Evangelho.

E Mikail, que nada tinha a perder porque já perdera quase tudo, até a vontade de viver, decidiu tentar.

Comprou um exemplar de o *Novo Testamento*.

Desde logo, encantou-se.

Como todos os crentes de sua época, pouco sabia sobre Jesus. Jamais lera o Evangelho. Daí o seu deslumbramento.

A existência começou a ter outro significado, à medida que mergulhava na leitura.

Já não se sentia abandonado por Deus. Aprendeu que os desígnios do Eterno são sábios e justos. Certamente havia razões para ele estar naquela situação.

Ainda era um homem solitário, porém não mais atormentado por dúvidas e incertezas. Enxergava uma luz no túnel sombrio de suas amarguras.

Certa noite leu em *Lucas, capítulo 7*, a passagem do fariseu que convidou Jesus à sua casa, mas não o tratou com a devida consideração.

Espantou-se.

Como podia alguém agir assim com o mensageiro divino?!

Imaginou como ele próprio o receberia.

Ah! O Mestre haveria de sentir-se muito feliz em sua casa!

Então, ouviu uma voz:

– Mikail, prepara-te! Amanhã eu virei!

O sapateiro olhou em torno, espantado. Ninguém entrara.

Abriu a porta. Nevava. Frio cortante, vento gelado, rua deserta.

Trancou a porta, apagou a luz e deitou-se.

Ouviu novamente:

– Mikail, prepara-te! Amanhã eu virei!

Dormiu embalado pelo doce sonho de que receberia a visita de Jesus.

Acordou animado, com a lembrança nítida da experiência da véspera. Levantou-se, arrumou a casa, preparou o mingau de aveia, a sopa de legumes, o chá fumegante, e iniciou seu trabalho, aguardando, ansioso, o sonhado visitante.

Em dado momento viu, pela vidraça de pequena janela, que alguém parara junto à porta. Foi olhar. Seria Jesus?

Era Nicolau, velho soldado reformado, homem pobre que morava nas imediações, num cômodo cedido pelo proprietário. Para compensá-lo, limpava a rua, em frente, quando nevava.

Fizera isso até aquele momento. Cansado, parara junto à porta de Mikail, que tinha uma reentrância, a fim de proteger-se do vento gelado.

O sapateiro abriu a porta.

– Entre, Nicolau.

O soldado vacilou.

– As botas estão enlameadas. Vou sujar o chão...

– Não se preocupe. Limparemos depois. Entre, meu amigo.

Serviu-lhe o chá e o mingau de aveia. Depois, enquanto se aqueciam ao fogo, contou-lhe o que acontecera na véspera. E perguntou:

– Você acha que eu poderia receber a visita de Jesus?

O velho soldado suspirou:

– Bem, meu caro Mikail, não sei se Jesus vai visitar alguém hoje. Mas, se o fizer, certamente virá aqui. Você é um homem bom e tem sofrido bastante.

Pouco depois, Nicolau voltou ao trabalho.

O mesmo fez o sapateiro, sempre olhando pela janela, esperando a gloriosa visita.

Após o almoço percebeu que outra pessoa estava junto à porta. Seria Jesus?

Era uma jovem. Trazia um filho aconchegado ao seio. Não obstante o frio intenso, estava malvestida, trajas leves. A criança chorava, provavelmente de frio e fome.

Correu a abrir a porta:

– Entre, minha filha, venha aquecer-se...

Ela vacilou.

– Entre, em nome de Deus!

Mikail serviu-lhes a sopa de legumes e o mingau. O menino acalmou-se e dormiu. Conversou com a jovem, junto ao fogo.

Ela contou que enfrentava situação difícil. O marido, soldado, estava fora há meses. Não vinha recebendo o soldo, e a fome entrara em seu lar. Não tendo com quem deixar o filho, não conseguia emprego. Há dias vendera seus agasalhos para comprar alimentos.

Mikail condeou-se. Foi à despensa e preparou um farnel e uma trouxa com roupas. Incluiu algum dinheiro e entregou tudo à jovem.

– Leve, minha filha. Não sou rico, mas sempre poderei ajudá-la. Quando faltar, procure-me.

Emocionada, a jovem beijou a mão de Mikail e despediu-se, rogando a Deus o abençoasse.

Mais algumas horas se passaram.

Então, uma senhora parou junto à sua porta. Era uma vendedora de maçãs. Trazia um cesto, que pousou no chão, para ajeitar um saco de gravetos sobre os ombros.

Nisso, um menino aproximou-se e apanhou, ligeiro, uma maçã. A senhora foi mais rápida. Esticou o braço e o segurou, pondo-se a gritar:

– Acudam, acudam! É um ladrão!

Ele se debatia, mas ela o segurava com mão de ferro.

Mikail, que tudo via pela janela, abriu a porta e aproximou-se.

– Deixe o menino, minha senhora, é apenas uma criança.

– É um ladrãozinho! Deve ser castigado!

– Deixe, eu pago pela maçã.

Relutante, ela o soltou.

O garoto, a chorar, pediu-lhe que o perdoasse.

Ela se recusou.

– Você precisa é de um bom castigo!

Foi então que Mikail fez valer seus estudos do Evangelho:

– Ora, minha irmã, se não somos capazes de relevar o menino sem juízo que roubou uma maçã, como podemos pretender que Deus perdoe nossos pecados, que são muito mais graves?

Ela concordou.

– O senhor tem razão. É tanto problema que a gente acaba se perturbando e faz o que não deve.

Perdoou o menino que, aliviado, dispôs-se ajudá-la a carregar o saco de gravetos.

E lá se foram os dois, pacificados.

Mikail entrou. Trazia o coração leve, inefável sensação de bem-estar.

Terminou seu trabalho, tomou a última refeição do dia e dispôs-se a fazer o que mais o agradava – ler o Evangelho.

Costumava observar uma seqüência.

Naquela noite, sem saber explicar o porquê, resolveu ler ao acaso, o nome que damos a Deus quando não identificamos sua presença.

Abriu e leu (Mateus, 25:35-40):

... tive fome e deste-me de comer, tive sede e deste-me de beber; eu era um estranho e me acolheste, estava nu e me vestistes, estive enfermo, e me visitastes; preso e fostes verme.

Então perguntarão os justos: Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo, ou preso e fomos ver-te?

Ao que respondeu o Senhor: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.

Então Mikail ficou sabendo que Jesus cumprira sua promessa.

O Mestre o visitara três vezes, naquele dia, representado pelos seus pequeninos.

E com a graça de Deus, ele, Mikail, o acolhera em sua casa!

Nunca mais sentiria solidão!

Aprendera naquele dia glorioso que jamais alguém será solitário, enquanto for solidário.

Natal, tempo de festas, tempo de evocações felizes, tempo de reuniões festivas, é também tempo de ouvir as vozes do Céu, a nos dizerem, na intimidade de nossa consciência, algo que o Espírito Casimiro Cunha exprime muito bem, em psicografia de Francisco Cândido Xavier:

Rogas à vida o roteiro

Da Esfera Superior,

E a vida responde sempre:

"Ajuda com mais amor."

Procurando, desse modo,

Caminho renovador,

Em toda dificuldade,

Ajuda com mais amor.

Se esperas pelo futuro

Como ninho aberto em flor,

Arando a terra do sonho,

Ajuda com mais amor.

Recebe, pois, o infortúnio

Com desassombro e valor,

Se a provação recrudescer,

Ajuda com mais amor.

Suporta com paciência

A nuvem do dissabor;

Buscando nova alegria,

Ajuda com mais amor.

Caluniaram-te a vida?

Perdoa seja a quem for.

Quem vive para a verdade

Ajuda com mais amor.

Amigos desavisados

Trouxeram-te sombra e dor?

Diante de todos eles,

Ajuda com mais amor.

Feriram-te as esperanças

Brandindo verbo agressor?

Não critiques, nem te queixes...

Ajuda com mais amor.

*Ante o jogo das ilusões
Que o mal te venha propor,
No cultivo da humildade,
Ajuda com mais amor.
Se desejas alcançar
A comunhão do Senhor,
Arrima-te à caridade
E ajuda com mais amor!*

O clamor das almas

Em seu primeiro dia de aula, no início do ano letivo, a professora Teresa postou-se diante dos alunos da quinta série, primeiro ciclo.

Disse-lhes que os recebia com alegria e que gostava de todos por igual, sem distinção.

Meras palavras, principalmente pelo fato de que na primeira fila estava sentado um garoto mal-encarado e sisudo.

Desde logo observou que Ricardo não se dava bem com os colegas e que, não raro, suas roupas estavam sujas e cheiravam mal.

Houve até ocasiões em que sentira prazer em dar-lhe notas vermelhas ao corrigir suas provas e trabalhos, com o que pretendia punir-lhe a displicência e afirmar sua autoridade.

Os professores eram orientados a ler a ficha escolar dos alunos, a fim de tomar conhecimento de seus progressos e de seu comportamento nos anos anteriores.

Teresa deixou a de Ricardo engavetada.

Semanas passaram-se até que se dispusesse a apreciar as anotações de seus colegas. E leu:

Primeiro ano:

Ricardo é um menino brilhante e simpático. Seus trabalhos estão em ordem e são bem feitos. Tem bons modos. É agradável estar perto dele. Fala com carinho de sua mãe.

Segundo ano:

Ricardo é aluno excelente e muito querido por seus colegas, mas anda preocupado com sua mãe, gravemente enferma. A vida em seu lar deve estar complicada.

Terceiro ano:

A morte da mãe foi um duro golpe para Ricardo. Ele procura fazer o melhor, mas anda desarvorado, sem apoio do pai. Sua vida será prejudicada se ninguém tomar providências para ajudá-lo.

Quarto ano:

Ricardo anda distraído e não se empenha nos estudos. Tem poucos amigos e, geralmente, dorme na sala de aula, revelando total desinteresse.

Era notório que o menino vinha afundando na adversidade, sem que ninguém lhe estendesse misericordiosa tábua de salvação.

Teresa deu-se conta do problema.

Ficou terrivelmente envergonhada. Sentiu-se ainda pior quando recordou os presentes de Natal que os alunos lhe haviam oferecido, embrulhados em papel colorido. O de Ricardo destoava, em grosseiro saco marrom, de padaria.

Abrira sem entusiasmo, enquanto a garotada ria ao ver o conteúdo: uma pulseira de bijuteria, faltando algumas pedras, e um frasco de perfume pela metade.

Para quebrar o constrangimento, dissera-lhe, sem convicção, que o presente era maravilhoso. Pusera o enfeite no braço e um pouco da essência perfumada na mão.

Naquele dia Ricardo estivera mais atento e interessado do que de costume. Lembrou-se de que o menino, timidamente, dissera-lhe que com aquele perfume ela lhe lembrava sua mãe, que o usara.

Essas recordações vieram bem fortes em sua mente, como reclamos da própria consciência, enquanto lia a reveladora ficha escolar.

A sós, na sala de aula, chorou longamente, lágrimas silenciosas e doridas.

Depois disso, Teresa decidiu que mudaria sua maneira de ensinar. Passou a dar mais atenção aos alunos, especialmente Ricardo. Conversava com ele, confiava-lhe pequenas tarefas no preparo das aulas, elogiava seus acertos, corrigia, paciente, seus erros.

Então, algo surpreendente e maravilhoso aconteceu.

O garoto começou a desabrochar! Melhorou no comportamento, na concentração, nas notas!...

E quanto mais atenção e amizade lhe oferecia, valorizando suas conquistas, mais ele se animava.

Ao terminar o ano letivo, Ricardo recebeu o certificado como o melhor aluno da classe! Expressando gratidão, escrevera-lhe dizendo que ela fora a melhor professora que tivera em sua vida.

Notícias vinham sempre, ressaltando seus progressos nos estudos. Anos depois, Ricardo informava, em correspondência carinhosa, que havia concluído o segundo grau. Tivera excelentes professores. Mas ela continuava sendo a melhor, alguém que lhe lembrava os cuidados de sua própria mãe.

Sucederam-se as cartas pelos anos afora, até que, certo dia, ela recebeu convite para uma solenidade na Faculdade de Medicina.

Era de Ricardo, que a convidava para a festa de sua formatura como médico.

Teresa compareceu, usando a pulseira que ganhara dele e também o perfume.

Quando se encontraram ele a abraçou forte, emocionado.

– Você continua lembrando minha mãe. Obrigado por acreditar em mim, dando-me confiança. Você me fez crescer. Devo-lhe o que sou hoje.

Mas, Teresa, olhos marejados, respondeu:

– Você está enganado, Ricardo. Foi você quem me ensinou que eu podia fazer a diferença. Eu não sabia ensinar, até que o conheci. Você me ajudou a compreender que mais do que ensinar a ler, escrever, explicar matemática e outras matérias, é preciso ouvir o clamor das almas!

O que a professora Teresa aprendeu não é novidade.

Jesus, mestre por excelência, assim fez desde sua chegada ao planeta.

Podendo nascer rei todo-poderoso, preferiu o anonimato, filho de humildes galileus, na mais obscura província de Roma, a demonstrar que é na convivência com a multidão de aflitos e sofredores que nos capacitamos a ouvir o clamor das almas.

Uma mulher tinha insuperável hemorragia uterina, como que em menstruação permanente. Isso a tornava impura, impedida de qualquer contato físico com as pessoas, como se fora uma hanseniana.

Ouvindo falar do profeta galileu que curava males do corpo e da alma, foi procurá-lo. Sem coragem de falar-lhe, em face de sua *impureza*, considerou, sob inspiração da fé ardente, que bastaria tocar suas vestes e seria beneficiada.

Jesus, que ouvia o clamor de sua alma sensível, deixou que o tocasse, com o que cessou, imediatamente, o fluxo de sangue. Depois a dispensou, dizendo-lhe (Mateus, 9:22):

- Tem bom ânimo, filha; a tua fé te salvou!

A partir daí tornou-se ardorosa discípula, que ficaria conhecida, segundo a tradição evangélica, como Verônica, a mulher que limpou o suor sanguinolento de suas faces, na via-crúcis. As feições do Mestre teriam ficado estampadas na toalha.

Alguns desses valorosos missionários distraíram-se e enveredaram por caminhos escuros.

Seus primeiros contatos com os membros do colégio apostólico demonstram que o esperavam.

A Simão Pedro e seu irmão André, pescadores envolvidos com suas redes, bastou dizer (Mateus, 4:19):

– *Venham comigo e eu os transformarei em pescadores de homens.*

A Mateus, cobrador de impostos, disse apenas (Mateus, 9:9):

– *Segue-me.*

O mesmo aconteceu com os demais. Não houve dificuldade em localizá-los, nem a necessidade de muitas palavras.

Jesus ouvia o clamor daquelas almas que estavam na Terra para sagradas tarefas, na disseminação da Boa Nova.

Por isso, ao primeiro chamado, logo se engajavam.

Às vezes, o clamor das almas compromissadas com o Evangelho se fazia sentir a partir da Dor, a mais antiga e eficiente mestra do Mundo.

Uma mulher tinha insuperável hemorragia uterina, como que em menstruação permanente. Isso a tornava impura, impedida de qualquer contato físico com as pessoas, como se fora uma hanseniana.

Ouvindo falar do profeta galileu que curava males do corpo e da alma, foi procurá-lo. Sem coragem de falar-lhe, em face de sua *impureza*, considerou, sob inspiração da fé ardente, que bastaria tocar suas vestes e seria beneficiada.

Jesus, que ouvia o clamor de sua alma sensível, deixou que o tocasse, com o que cessou, imediatamente, o fluxo de sangue. Depois a dispensou, dizendo-lhe (Mateus, 9:22):

– *Tem bom ânimo, filha; a tua fé te salvou!*

A partir daí tornou-se ardorosa discípula, que ficaria conhecida, segundo a tradição evangélica, como Verônica, a mulher que limpou o suor sanguinolento de suas faces, na via-crúcis. As feições do Mestre teriam ficado estampadas na toalha.

Alguns desses valorosos missionários distraíram-se e enveredaram por caminhos escuros.

O clamor de suas almas foi mais forte, porque mesclava indefiníveis sentimentos de frustração pela missão postergada, e de angústia pelos erros cometidos.

Assim aconteceu com uma mulher obsidiada, a quem Jesus socorreu carinhosamente, afastando sete Espíritos que a perturbavam (Lucas, 8:2).

E surgiu a inesquecível Maria Madalena.

Houve um *vaso escolhido*, alguém com a sagrada missão de divulgar a Boa Nova, que, esquecendo-se de seus compromissos, convertera-se em cruel perseguidor dos cristãos.

Mas Jesus, que ouvia os clamores de sua alma conturbada, veio em seu socorro.

Apresentou-se diante dele, às portas de Damasco, para corrigir-lhe o rumo, e reconduzi-lo aos roteiros do Bem (Atos, 9:1-16):

E Saulo de Tarso, o perseguidor implacável, transformou-se em Paulo de Tarso, o grande arauto da Nova Revelação.

Para a mentalidade judaica, pessoas assim eram de má vida, não mereciam consideração.

Jesus ensinava diferente (Lucas, 5:31):

Os sãos não precisam de médico.

Ouvindo o clamor das almas, Jesus estendia bênçãos e lições ao redor de seus passos, convidando as pessoas a relevar as faltas alheias, por uma razão

muito simples, conforme ensina no eloqüente episódio em que os fariseus jogaram aos seus pés uma mulher (João, 8:1-11).

Fora surpreendida em flagrante adultério e, segundo as prescrições da Lei, deveria morrer apedrejada.

Jesus, que lia, como num livro aberto, os clamores daquela alma torturada, e a maldade de seus acusadores, proclamou, incisivo:

– Quem estiver livre de pecados, atire a primeira pedra!

Ante seu poderoso magnetismo, a lhes impor a visão de suas próprias mazelas, os acusadores afastaram-se, desnorteados.

Jesus perguntou à mulher:

– Onde estão os que te acusavam? Ninguém te condenou?

– Não, senhor.

– Então, vai e não peques mais!

Os judeus estavam habituados ao *olho por olho, dente por dente* de Moisés, que consagrava a vingança.

Almas inspiradas pela agressividade, empolgavam-se pela idéia infeliz de lavar a honra derramando o sangue do ofensor, com o que apenas assumiam dívidas que os infelicitariam por séculos, em dolorosos resgates.

Jesus oferece o remédio salutar para os males do ódio, do rancor, do desejo de revide, recomendando o perdão incondicional, que acalma os clamores da alma e faz crescer espiritualmente aqueles que o exercitam, aproximando-os de Deus, o Pai Celeste *que faz nascer o sol para bons e maus e descer a chuva sobre justos e injustos* (Mateus, 5:45).

Somos prisioneiros da inquietação
Jesus nos oferece a chave mágica de nossa libertação, ensinando (Lucas, 6:31):

Tudo o que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o assim também a eles.

Aplicando essa regra de ouro do Cristianismo, aprenderemos, como a professora Teresa, a ouvir o clamor das almas, distribuindo bênçãos de auxílio ao redor de nossos passos, servindo sempre, como autênticos seguidores de Jesus.

Seremos, então, premiados com a paz, o tempero da felicidade.

Efeitos

—... *Acaso sou eu responsável por meu irmão?*

Essa a resposta de Caim a Jeová, que o questionou sobre seu irmão Abel (Gênesis, 4:9).

Disfarçava a própria culpa, porquanto o havia assassinado, cometendo o primeiro fratricídio da História.

Imagino que, diariamente, o Deus Pai, de infinito amor e misericórdia revelado por Jesus, nos faz a mesma pergunta, na intimidade da consciência, a respeito de todos aqueles que cruzam nosso caminho, em casa, na rua, no serviço, na cidade em que residimos, todos irmãos nossos em Humanidade.

Certamente, não teremos, como Caim, cometido um fratricídio, mas dificilmente alguém deixará de ser enquadrado num *fraternicídio*.

É o assassinato da fraternidade, quando, ante as carências de nossos irmãos em Humanidade, nossa indiferença reproduz o questionamento negativo de Caim.

– *Acaso sou responsável por meu irmão?*

Ocorre, amigo leitor, que somos, sim, responsáveis por nossos irmãos, considerando a Lei de Solidariedade que rege a vida universal, e será inteligente de nossa parte assumir nossos compromissos perante o próximo, considerando alguns efeitos.

- Efeito borboleta.

Trata-se de uma teoria desenvolvida por Eduard Norton Lorenz, cientista americano, nos anos setenta, século passado, para explicar a dificuldade de uma previsão meteorológica a longo prazo, em face da insuficiência dos meios de observação, para detectar fenômenos isolados que podem produzir grandes efeitos atmosféricos.

Como exemplo ele apresentou a idéia simbólica de que o bater de asas de uma borboleta no Brasil poderia produzir um furacão nos Estados Unidos.

Aplicando o efeito borboleta à vida social, consideremos a criança que nasce em miserável favela, pai desconhecido, mãe alcoólatra.

Cresce sem orientação moral, sem estudo, sem assistência espiritual.

Aos sete anos é um menino de rua, pedindo esmola.

Aos dez torna-se um *laranja*, termo usado pelos traficantes para crianças que usam para a entrega de drogas.

Aos doze aprende a usar armas de fogo.

Aos quinze já matou várias pessoas, em assaltos.

Aos dezoito mata um chefe de traficantes e assume seu lugar. Elimina concorrentes, amplia a área de atuação, torna-se notório e perigoso inimigo público, produzindo devastação no meio social.

É a culminância de cruel efeito borboleta que começou no vagido desalentado de uma criança negligenciada.

Ah! Se esse pequeno houvesse recebido amparo, orientação, encaminhamento!

Ah! Se a sociedade houvesse se mobilizado para atender aquela favela, urbanizando-a, substituindo casebres por casas decentes, dando escola e ajuda aos pequenos!

Ah! Se aquele homem soubesse que o menino mirradinho que bateu à sua porta, pedindo comida, era a borboleta que poderia gerar o furacão devastador, a levar sua tranqüilidade, sua segurança, seus bens, e, talvez, sua vida ou de um familiar, certamente não se omitiria e faria todo o possível para movimentar-se e mobilizar a sociedade em favor das crianças carentes de sua cidade!

Há o outro lado.

Se fosse concedida àquela criança a oportunidade de uma vida decente, digna, com encaminhamento

adequado aos recursos comunitários, em favor de seu crescimento moral e espiritual, seria bem diferente.

Poderia converter-se em alguém de proeminência social, no campo religioso, profissional ou político, a contribuir em favor do progresso e do bem-estar da sociedade.

Dependendo de como é tratado, o efeito borboleta pode produzir terra arrasada ou campos verdejantes.

Um exemplo interessante diz respeito ao garoto que quase morreu afogado na piscina de sua rica residência. Foi salvo pelo filho do jardineiro.

O dono da casa quis recompensá-lo. O serviçal respondeu que não se preocupasse. O filho apenas cumprira seu dever.

Todavia, ante a insistência do patrão, informou que o sonho do menino, desde criança, era ser médico.

Imediatamente foram tomadas as devidas providências, oferecendo-lhe condições para formar-se em medicina.

O garoto chamava-se Alexandre Fleming (1881-1955), o descobridor da penicilina.

O agitar abençoado das asas da gratidão favoreceu a bênção dos antibióticos, que salvam milhões de vidas.

A história não termina aí.

Um desdobramento do efeito borboleta ocorreu com o próprio menino salvo, que seria nada mais nada menos que Winston Churchill (1874-1965), o grande baluarte da liberdade, na luta contra Hitler (1889-1945).

A Inglaterra tremeu quando Churchill ficou gravemente enfermo, acometido de uma pneumonia.

Quem o atendeu foi o próprio Fleming, que o curou com a aplicação de penicilina.

Após a recuperação, o chanceler inglês comentou bem-humorado:

– Não é sempre que alguém tem a oportunidade de agradecer ao mesmo homem por haver lhe salvado a vida duas vezes.

O efeito borboleta tem essa característica, expandindo-se sempre, tanto para o bem quanto para o mal, dependendo de como se originou.

Lembra a parábola de Jesus (Mateus, 13:31-32):

O Reino dos céus é semelhante ao grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo.

Embora seja a menor de todas as sementes, quando cresce é maior do que as hortaliças e se transforma em árvore, de sorte que vêm as aves do céu e se aninham em seus ramos.

Pequenas sementes de boa vontade, no empenho de servir, produzem benefícios para muita gente.

Sementes de maldade, de maledicência, de desonestidade, de vício, resultam em transtornos para a vida social.

Há o lado pitoresco.

Alguém me perguntou:

– Pode um efeito borboleta começar com algo bom e terminar com algo ruim?

– Em princípio, não. O bem gera o bem, nunca o mal.

– É que beijei uma garota, apaixonei-me por ela, casamo-nos, e ela trouxe a mãe para morar conosco. Começou com um beijo, terminou com uma sogra!

– Bem, certamente a sogra é um efeito bom em sua vida, oferecendo-lhe o ensejo de treinar a paciência e a compreensão.

- Efeito bumerangue.

Os nossos estados de ânimo são sempre decorrentes da natureza de nossas ações.

Se más, resultam em mal-estar.

Se boas, resultam em bem-estar.

Assim, nossa infelicidade será sempre o reflexo da infelicidade alheia, tanto quanto a felicidade é o fruto abençoado do esforço por minorar o sofrimento de nossos irmãos.

Na matemática da felicidade, quanto mais multiplicarmos boas ações, mais felizes seremos.

Não é por mera coincidência que as pessoas mais felizes são aquelas que elegem o esforço do Bem por objetivo da Vida, como está na questão 860, de *O Livro dos Espíritos*.

...Além disso, para fazer o bem que lhe cumpre – único objetivo da vida – é permitido ao homem impedir o mal, sobretudo aquele que possa contribuir para a produção de um mal maior.

É fácil entender por que o bem é o único objetivo da vida.

Sabemos, como ensinou Jesus, que o Amor é a lei maior de Deus. Quando formos capazes de amar em plenitude, exercitando o amor universal, o amor por todos os filhos de Deus, estaremos plenamente integrados na obra da criação.

Pois bem, a prática do Bem é o amor em ação, a exprimir-se no exercício da bondade.

Rousseau (1712-1778) tinha interessante observação a respeito:

Sejamos bons primeiro, depois seremos felizes.

Não pretendamos o salário antes do trabalho, nem o prêmio antes da vitória.

No serviço de atendimento fraterno, no Centro Espírita, o entrevistador conversava com atribulada senhora, que se dizia infeliz e humilhada, a reclamar que as pessoas, principalmente da família, não lhe davam a devida atenção e a espezinhavam.

O entrevistador perguntou-lhe:

– Que seqüência você estabeleceria, quanto à importância: você, o próximo e Deus?

A consulente respondeu, sem hesitar:

– Em primeiro lugar, Deus; em segundo, eu; por último, o próximo.

– Está aí a origem de seus problemas. Na dinâmica da existência, você está invertendo duas prioridades, o que a leva a negligenciar a primeira.

– Não estou entendendo.

– Jesus recomendou que amemos a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, o que significa que essas duas manifestações amorosas só podem ser exercitadas em consonância. Quando coloca o amor a si mesmo entre esses dois amores, você quebra a magia e perde a capacidade de amar a Deus e ao próximo, colhendo, como consequência, a infelicidade.

– Então...

– Se quer ajustar-se aos padrões do Evangelho, para viver feliz, inverta a segunda e a terceira posição,

formando a seqüência ideal: Deus, o próximo e, se sobrar espaço, pense em você mesma.

Em linhas gerais o que o atendente passa para a consulente é a necessidade de mudarmos de pessoa na conjugação do verbo de nossas ações: da primeira do singular, eu, para a terceira do plural, eles, a fim de que alcancemos a comunhão com Deus e nos realizemos como seus filhos.

Velho ditado exprime bem essa idéia:

Procurei minha alma e não a pude encontrar.

Procurei Deus e o Senhor se afastou de mim.

Procurei o próximo e encontrei os três.

• Efeito lastro.

Nos balões de ar quente tradicionais o lastro é o conjunto de sacos de areia que lhes dão estabilidade e que devem ser alijados quando se pretenda reduzir o peso para que subam.

Na jornada humana há lastros que, em princípio, nos garantem relativo equilíbrio – a família, os bens materiais, a profissão, o lazer...

Mas é fundamental que não os coloquemos em demasia no *balão da vida*, se desejamos transcender o imediatismo terrestre, cultivando os valores espirituais, o conhecimento superior, as virtudes cristãs, o empenho de servir... Se o lastro for excessivo estare-

mos *chumbados* na insatisfação e na intranqüilidade. Esse efeito estende-se à vida espiritual, após a morte.

Se ao longo da existência acumularmos lastros de imediatismo e apego aos bens transitórios, seremos prisioneiros de regiões umbralinas que circundam a Terra, sem *leveza espiritual* para nos elevarmos às moradas celestes. Nas reuniões mediúnicas, espantamos a quantidade de Espíritos atormentados e desajustados, vivenciando essa situação.

- Efeito Evangelho.

Esse é o mais importante, gerado a partir de nosso empenho por estudar as lições de Jesus, à luz da Doutrina Espírita, buscando, com todo empenho de nossa alma, colocá-las em prática.

Somente assim produziremos bons efeitos *borboleta, bumerangue e lastro*, reconhecendo que nosso empenho maior deve ser a edificação do Reino de Deus em nós, superando as inquietações humanas.

Diz Jesus, em *O Sermão da Montanha* (Mateus, 6:33), que se o fizermos tudo o mais nos será dado por acréscimo.

Por amor do amor

O cachorro estava com câncer terminal. Sofria muito.

O veterinário falou em sacrificá-lo.

Aqui, amigo leitor, abro parêntesis na narrativa.

Consideremos a questão da eutanásia, a chamada *morte branda*, com o que se pretende evitar a *cacotanásia*, a morte em meio a grandes padecimentos.

Todas as religiões, incluindo o Espiritismo, lhe são frontalmente contrárias. A razão é elementar: se a vida procede de Deus, somente o Criador tem o direito de eliminá-la.

Seguindo essa linha de raciocínio, por que, em se tratando de um animal, deveríamos outorgar aos donos o direito de decidir quando deve deixar de viver?

Fala-se em misericórdia. Coitado! Sofre tanto!

Argumento infundado! Evocando-o, poderemos, pelo mesmo motivo, abreviar os sofrimentos de um familiar, paciente terminal.

Outra alegação: o moribundo com dores atrozes cumpre um carma. Cachorro não tem dívidas a pagar. Não precisa sofrer para morrer...

Mas quem pode dizer que não há razão para os sofrimentos de um animal? Será que Deus errou?

A Doutrina Espírita ensina que as dores que enfrenta o princípio espiritual que anima um ser inferior da criação aceleram o desenvolvimento de suas potencialidades, ajudando-o a alcançar a complexidade que lhe permitirá transformar-se em ser pensante.

É a *dor evolução*.

Deus não faz nada por mero diletantismo. Tudo tem uma razão de ser.

Fecho parêntesis.

Sugestão aceita, a família observou o veterinário a aplicar o anestésico fulminante no animal.

Depois conversavam, questionando a brevidade da existência dos cães, que bem poderiam viver mais tempo.

O filho, uma criança de quatro anos, que tudo ouvia, disse:

– Eu sei por que os cachorros vivem pouco...

Para surpresa de todos, explicou:

– Mamãe diz que pessoas nascem para aprenderem a ser boas, a amarem todo mundo. Não é isso mesmo?

– Sim, meu filho.

E o menino:

– Os cães já nascem sabendo como fazer isso, portanto não precisam viver tanto tempo...

Absolutamente correto!

Se tivéssemos que definir o que estamos fazendo na Terra, qual o objetivo primordial da existência humana, responderíamos, com o menino, que estamos aqui para aprender a exercitar aquela que é a lei maior do Universo – o Amor.

Isso não é novidade. Desde as culturas mais remotas temos sido instruídos nesse sentido.

E Jesus, o orientador maior que a Humanidade já recebeu, enfatizou, quando lhe perguntaram qual o mandamento maior da lei (Mateus, 22:38-40):

Amarás o senhor teu Deus de toda tua alma, de todo teu coração, de todo o teu entendimento, e ao próximo como a ti mesmo.

Esses dois mandamentos resumem a lei e os profetas.

Importante considerar que antes de amar o semelhante é preciso aprender a respeitá-lo em seus direitos e necessidades.

Foi exatamente isso que nos ensinou Moisés, com a Tábua dos Dez Mandamentos, onde está registrado o que não devemos fazer: *não matar, não roubar, não trair, não mentir, não cobiçar...*

Considerar que nossos direitos terminam onde começam os direitos do próximo.

Diríamos que não fazer ao próximo o que não queremos para nós, no caminho da Justiça, é o primeiro passo para que aprendamos a fazer ao próximo o que queremos para nós, no caminho do Amor.

O Espiritismo nos convida a refletir, analisar mais, ampliar o entendimento sobre o assunto, a partir do conceito de que amar de verdade é sempre pensar no outro, no seu bem-estar.

Não é um favor. Trata-se de algo indispensável para que possamos sustentar nossa integridade como filhos de Deus, habilitando-nos ao equilíbrio e à paz onde estivermos.

Nos serviços de atendimento fraterno deparamo-nos, freqüentemente, com problemas de relacionamento no lar, principalmente entre marido e mulher.

Na opinião dos entrevistados a culpa é sempre do outro, sem atentar ao fato de que quando um não quer dois não brigam, e que se um dos dois dispuser-se a

cumprir o Evangelho, exercitando amor, as arestas poderão ser superadas, favorecendo um relacionamento melhor.

Oportuno, pensando no outro, considerar como as pessoas gostariam de ser amadas.

A propósito, lembro um maravilhoso poema de Elizabeth Barret Browning, famosa poetisa inglesa, dedicado ao seu marido, Robert Browning, tradução de Manuel Bandeira:

*Ama-me por amor do amor somente.
Não digas: "Amo-a pelo seu olhar,
O seu sorriso, o modo de falar
Honesto e brando. Amo-a porque se sente*

*Minh'alma em comunhão constantemente
Com a sua". Porque pode mudar
Isso tudo, em si mesmo, ao perpassar
Do tempo, ou para ti unicamente.*

*Nem me ames pelo pranto que a bondade
De tuas mãos enxuga, pois se em mim
Secar, por teu conforto, esta vontade
De chorar, teu amor pode ter fim!
Ama-me por amor do amor, e assim
Me hás de querer por toda a eternidade.*

Consciente ou inconscientemente, as pessoas não querem ser amadas apenas por suas virtudes.

Precisam ser amadas, apesar de seus defeitos.

Não querem receber o amor como um favor.

Precisam do amor como uma entrega.

Enfim, querem ser amadas por amor do amor somente, como diz Elizabeth.

É uma idéia que merece reflexão.

Cônjuges dizem que deixaram de amar porque o príncipe ou princesa transformou-se num sapo.

Talvez isso tenha ocorrido porque o trataram como o próprio, sempre apontando mazelas e imperfeições, implicando, contestando, exigindo, brigando...

Não amaram por amor do amor.

Amaram como quem aprecia um doce.

E deixaram de amar porque estavam saciados ou porque, em sua opinião, o doce azedou.

No livro *Nosso Lar*, psicografia de Francisco Cândido Xavier, André Luiz reporta-se à impressionante iniciativa de sua mãe, nobre Espírito, tão evoluído que morava em planos mais altos.

Recebendo sua visita, ele espantou-se ao ouvi-la afirmar que reencarnaria para ajudar seu esposo. Na

última existência ele passara a idéia de alguém ligado à religião e às tradições de família, mas, no fundo, fora um fraco, que mantivera ligações clandestinas com duas mulheres, fora do lar.

Retornando todos ao Mundo Espiritual, vira-se dominado por elas, com as quais sintonizava, neutralizando todos os recursos de auxílio que a esposa mobilizava em seu benefício.

O retorno à carne era a solução ideal. Reencarnariam todos. Ela voltaria a tê-lo como marido e receberia as duas infelizes como suas filhas.

E após explicar a André Luiz a necessidade de cultivar o amor, para soerguer as almas do lodo e das trevas, disse:

E mais tarde... quem sabe? Talvez regresse ao nosso plano cercada de outros afetos sacrossantos, para uma grande festa de alegria, amor e união.

E André Luiz termina a narrativa do episódio, dizendo:

Desde aquela hora, minha mãe não era apenas minha mãe. Era muito mais que isso. Era a mensageira do Amparo, que sabia converter verdugos em filhos do seu coração, para que eles retomassem o caminho dos filhos de Deus.

Sim, leitor amigo, Espíritos assim conseguem converter sapos em príncipes e princesas, porque amam por amor do amor somente.

Salvação

Em célebre discurso pronunciado nas reuniões em Lyon e Bordeaux, na França, entre 1860 e 1862, há afirmativas basilares de Allan Kardec:

O Espiritismo tem por divisa: "Fora da caridade não há salvação", o que equivale dizer que fora da caridade não pode existir verdadeiro espírita.

Solicito-vos inscrever, daqui para frente, esta divisa em vossas bandeiras, pois ela resume ao mesmo tempo a finalidade do Espiritismo e o dever que ele impõe.

Obviamente, o Codificador não se reportava ao sentido escatológico do termo – estarmos salvos *do outro lado*, fazendo por merecer celestes benesses.

A Doutrina Espírita é bastante clara ao informar que ninguém, em momento algum, está perdido.

Somos filhos de Deus, monitorados em tempo integral nas andanças pelos caminhos da Vida.

Há muitos trânsfugas das leis divinas.

Os que trazem a consciência torturada, em face de seus envolvimento com o mal...

Os que se comprometem no vício e na rebeldia...

Os indigentes espirituais, que atravessam desertos áridos de afetividade e paz, por não usarem a bússola do Bem...

Os criminosos que cometem atrocidades...

Nem por isso estão isolados na obra da Criação.

Uma só alma que se perdesse e Deus teria falhado em seus objetivos!

Por mais longe nos levem nossos desatinos, ainda assim permaneceremos nos domínios divinos, regidos por leis soberanas que disciplinam nossas emoções e renovam nossas idéias, conduzindo-nos ao futuro de bênçãos.

Portanto, o termo *salvação*, na máxima kardequiana, deve ser entendido em sua dimensão existencial.

Jamais haverá *salvação*, no sentido de melhoria de vida para a população terrestre, livrando-nos de seus males, enquanto não construirmos uma sociedade solidária, em que *sejamos um por todos e todos por um*.

Isso implica estarmos dispostos ao sacrifício de nossos interesses pessoais em favor do bem comum, a partir do empenho de servir, que é a caridade em ação.

Obviamente não estamos diante de uma realização imediata.

Séculos se passarão até que a vocação de servir seja comum a todos os homens, exercitada com naturalidade, como o andar e o falar.

Mas, se o Mundo não pode ser mudado de pronto, o conhecimento espírita impõe que comecemos por mudar a nós mesmos, lutando contra os impulsos egoísticos e contribuindo por melhorar as condições de vida, onde estivermos.

O exemplo é poderoso.

Favorece uma corrente pra-frente de pessoas interessadas em se salvarem da inércia, do comodismo, da indiferença, da omissão, para não serem vitimadas por perturbações e desajustes.

Terapeutas que cuidam de pacientes às voltas com distúrbios emocionais e físicos indicam, hoje, como principal remédio, o empenho por fazer algo em favor do próximo.

Estão chegando onde Kardec colocou a Doutrina Espírita desde o início.

É cogitar do Bem, não dando espaço para o mal, afugentando os *macaquinhos do sótão*, os pensamentos negativos que perturbam nossa mente.

Sugiro, leitor amigo, se você está interessado em *salvar-se*, que eleja como *base de operações* o Centro Espírita, assumindo compromissos de frequência e participação.

O motivo dessa opção é simples:

No estágio de evolução em que nos encontramos, é difícil seguir, sem desvios, pelos caminhos da solidariedade.

Facilmente negligenciamos compromissos de uma contribuição mensal em favor de obras assistenciais, de visitação regular a enfermos, de convivência pacífica com os familiares, de atendimento perseverante a famílias carentes.

É que essa maneira de ser não constitui, por enquanto, uma segunda natureza, um comportamento espontâneo.

Exige empenho por contrariar tendências ao acomodamento, que sempre sugerem a deserção aos compromissos.

É o apelo insidioso de nossa própria inferioridade:

– Esqueça os outros! Cuide de si mesmo!

Participando de um Centro Espírita, empenhados nos estudos, nas reuniões mediúnicas, nos serviços assistenciais, temos renovados estímulos, envolvendo a própria Doutrina e os companheiros, no sentido de

manter fidelidade aos compromissos assumidos.

Daí a importância de nossa integração nessa colméia de bênçãos que é a Casa Espírita.

Há muitos serviços a instituir, há muito trabalho a desenvolver.

O Centro Espírita tem um potencial imenso, em favor de uma sociedade mais esclarecida e participativa.

Isso, à medida que nos disponhamos a arregaçar as mangas, conscientes de algo fundamental:

Nossa *salvação* começa quando nos dispomos a salvar nossos irmãos do infortúnio.

Vida extraterrestre

Apesar de todo o progresso científico, que permite ao Homem devassar o Infinito, uma dúvida persiste:

Há vida em outras plagas do Universo?

Fã da astronomia, acompanho, desde meus verdes anos, os avanços e recuos do pensamento científico nesse assunto.

Concebiam-se, em meados do século passado, que a Terra seria uma exceção no Universo, conjugando milagrosas circunstâncias – a energia solar, a adequada distância do sol, existência de atmosfera, temperatura amena, água abundante, compostos de carbono, e outras.

Pretendia-se, também, que um astro com uma família de planetas, como o Sol, seria exceção no Universo.

Essas idéias foram se alterando à medida que modernos recursos tecnológicos permitiam uma visão mais ampla do cosmos.

No espaço imenso há incontáveis galáxias, formações estelares com bilhões de estrelas. Só na Via Láctea, onde o Criador fixou nossa residência, há perto de duzentos bilhões.

Ante números tão assombrosos, ridículo pretender que somente a humilde estrela que nos ilumina tem planetas orbitando, ou que apenas nosso insignificante mundo reúne condições para sustentar a vida.

Ressalte-se que a cada dia descobrem-se novos planetas, fora de nosso sistema.

Centenas estão catalogados.

Provavelmente há tantos planetas quanto estrelas no espaço infinito, talvez até mais...

Ingenuidade imaginar que as condições da Terra não se repitam alhures, ou que a vida não encontre outros meios de se manifestar.

Os próprios cientistas estão modificando suas convicções.

Ontem, raros admitiam essa possibilidade.

Hoje, raros a negam.

Há uma questão que povoa o imaginário popular:

Temos recebido a visita de seres extraterrestres, os famosos ETs, pilotando discos voadores, os OVNI, que o cinema popularizou?

Há centenas de livros abordando o assunto, dando-nos conta de pessoas que teriam entrado em contato com seres de outros planetas.

São narrativas mirabolantes.

Fala-se até em *abdução*, esse o termo usado para o seqüestro de seres humanos para experiências genéticas, numa miscigenação interplanetária.

O grande problema:

Jamais alguém apresentou provas materiais – fotos e filmes do extraterrestre ao lado de sua nave, ou mesmo elementares objetos de uso pessoal, talvez um refletor psíquico para observar a aura, que nos deixasse tão embasbacados quanto nossos índios, no descobrimento, ao se verem refletidos num espelho.

Temos que nos louvar apenas no testemunho de pessoas que se reportam a experiências solitárias, que jamais se repetem na presença de cientistas.

Sempre que submetidos a exames, constata-se que os OVNI são sondas espaciais, balões meteorológicos, meteoros, aviões, fenômenos atmosféricos e outros...

Algumas questões devem ser consideradas:

- Em outros planetas, no nosso sistema solar, não há vida inteligente, talvez nem mesmo vida incipiente. Vênus e Mercúrio são muito quentes. Os restantes são muito frios.

- A visita de seres de outros sistemas solares é improvável, devido à imensa distância que nos separa. Sírius, da constelação do Cão Maior, a mais brilhante do firmamento, uma das mais próximas, está localizada a 8,7 anos-luz. Como sabemos, ano-luz é a distância percorrida pela luz em doze meses, deslocando-se a aproximadamente trezentos mil quilômetros por segundo. Mesmo nessa espantosa velocidade, que não pode ser ultrapassada por corpo sólido, segundo Einstein, uma nave de suposto planeta orbitando aquela estrela, levaria perto de duas décadas numa expedição ao nosso Mundo (ida e volta), o que implicaria sérios problemas de alimentação e subsistência.
- Ao regressar ao planeta de origem, os viajantes de Sírius teriam uma surpresa desagradável: estariam muito adiante de sua época. Seus contemporâneos, incluindo família e amigos, não mais existiriam. Isso porque, segundo Einstein, quanto maior a velocidade na nave, mais lento flui o tempo dentro dela.

Digamos que esses problemas possam ser resolvidos por avançada tecnologia. Creio, entretanto, que

uma civilização em tal estágio estaria mais voltada para as realizações do espírito.

Desapareceria a ansiedade pela conquista de novos mundos, que caracteriza o Homem, orientado pela ambição.

Digamos que seres nessas condições decidissem visitar-nos e conhecer nossa civilização, como biólogos a examinar um formigueiro...

Poderiam fazê-lo em desdobramentos espirituais, dominando técnicas que lhes permitiriam viagens instantâneas, à velocidade do pensamento, muito mais práticas e seguras.

Podemos admitir, portanto, que a Terra é visitada, sim, freqüentemente, por seres de outros planetas – os Espíritos.

Como está explícito na questão 76, de *O Livro dos Espíritos*, eles povoam o Universo.

Há, inclusive, fluxos migratórios, Espíritos que chegam de outros planetas ou que partem do nosso.

Essa concepção nos permite resolver enigmas que fazem a perplexidade dos antropólogos, como a civilização neolítica, que floresceu há perto de dez mil anos.

No espaço de apenas algumas centenas de anos o Homem aprendeu a domesticar os animais, a fabricar utensílios em cerâmica, instrumentos de pedra polida, a escrita, a vida urbana, a agricultura...

Fatores climáticos, políticos, geográficos e culturais não são suficientes para explicar esse espantoso salto evolutivo.

No livro *A Caminho da Luz*, psicografia de Francisco Cândido Xavier, Emmanuel nos fala a respeito do assunto, informando que a civilização neolítica surgiu a partir da presença de Espíritos que vieram de um planeta do sistema Capela, na Constelação do Cocheiro, localizado a perto de cinquenta anos-luz.

Há milhares de anos aquele mundo estava numa posição semelhante à Terra. Deveria ser promovido na sociedade dos mundos.

De Expição e Provas para Regeneração.

Uma minoria barulhenta, Espíritos recalcitrantes, dominados por vícios e paixões, retardava a grande conquista.

Foram, então, retirados do planeta e trazidos à Terra, onde reencarnaram no seio das raças humanas. Tão atrasados moralmente quanto o homem terrestre, mas muito mais evoluídos intelectualmente, deram origem a grandes civilizações, como a chinesa, a egípcia, a judaica, e a indo-européia.

Aqui estiveram por milhares de anos.

Depurados e redimidos, voltaram ao planeta de origem.

Com sua ausência, aquelas portentosas civilizações definharam e morreram, por óbvio motivo – o homem terrestre não estava capacitado a sustentá-las.

Vivemos, na atualidade, a expectativa de novo expurgo, agora na Terra.

Semelhante ao que aconteceu com o planeta do sistema Capela, minorias recalcitrantes estão atrapalhando a evolução de nosso planeta e sua promoção na sociedade dos mundos.

Serão retiradas e conduzidas a um planeta inferior.

Essa idéia, explicitada por Emmanuel, está na alma dos povos, no cerne das religiões.

Na tradição cristã fala-se de um juízo final. Ocorrerá a separação dos bodes e das ovelhas, do joio e do trigo...

Por trás de fantasias debitadas à imaginação humana, há a expressão de uma realidade. Ao longo do terceiro milênio teremos decisivas transformações.

Mas podemos ficar tranquilos. Não serão caracterizadas por hecatombes, guerras e morticínios superlativos.

Quando chegar o momento, simplesmente a direção do planeta não permitirá que reencarnem aqueles que não se enquadrarem na nova ordem, cuja base fundamental será a mansidão, a vitória sobre a agressividade que caracteriza a inferioridade humana.

Jesus assim destaca, no *Sermão da Montanha*, ao proclamar (Mateus, 5:5):

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra.

Certamente não acontecerá tão cedo, como se supõe.

Correríamos o risco de deixar nosso planeta deserto.

Teremos, provavelmente, alguns séculos para assimilar a mansuetude preconizada por Jesus, a vitória sobre a agressividade que caracteriza o ser humano, herança da animalidade primitiva.

De qualquer forma, como não sabemos exatamente quando isso ocorrerá, é oportuno pôr *as barbas de molho* e cultivar desde já as virtudes evangélicas, buscando o Reino Divino dentro de nós, a fim de não sermos atropelados por ele e arremessados alhures, fora da Terra.

Considerando os avanços da astronomia e o fato de que a cada dia são descobertos novos planetas, não haveria a possibilidade de se detectar o mundo a que faz referência Emmanuel, no sistema Capela?

Sem dúvida!

E a partir dessa espetacular descoberta poderiam os cientistas até mesmo captar, pela radioastronomia, transmissões de nossos irmãos capelinos.

Seria a gloriosa confirmação das concepções do Espiritismo sobre mundos habitados, o que, diga-se de passagem, a doutrina defende desde o lançamento de *O Livro dos Espíritos*, numa época em que sequer se admitia a existência de planetas fora de nosso sistema.

O grande problema é encontrar astrônomos dispostos a seguir a indicação de Emmanuel, assestando seus instrumentos de pesquisa naquela direção.

Reitero a você, prezado leitor, o mesmo apelo que já fiz em outras publicações:

Vamos entrar em contato com os astrônomos; vamos bombardear de cartas e e-mails seus endereços, insistindo nessa possibilidade, até encontrarmos novo Cristóvão Colombo, alguém disposto a perseguir um sonho, candidatando-se à suprema realização científica:

A descoberta de vida em outros mundos!

Homossexualismo ou homossexualidade?

Alcoolismo: dependência do álcool.

Biotropismo: baixa resistência orgânica.

Botulismo: intoxicação provocada por bactérias que se desenvolvem em comida mal conservada.

Impaludismo: infecção causada por parasito, mais conhecida como malária.

Raquitismo: desenvolvimento precário da criança e do adolescente.

Reumatismo: dores intensas causadas por alterações de músculos e ossos.

Tabagismo: dependência do tabaco.

Traumatismo: lesão de um tecido, órgão ou parte do corpo, provocada por agente externo.

Observe, amigo leitor, que os termos citados têm algo em comum: o sufixo *ismo*, a situá-los como enunciado de enfermidades.

Por isso, escreve-se a palavra *homossexualismo* com esse mesmo sufixo, a explicitar que alguém que tenha atração por indivíduo do mesmo sexo sofre de transtornos mentais.

Seria uma doença, com estigma tão ou mais terrível que o da lepra nos tempos passados. Muitos pais prefeririam ver o filho portador do mal de Hansen.

Famílias entram em crise quando constatam que um de seus membros está enquadrado. Filhos são expulsos de casa quando se atrevem a *sair do armário*, assumindo essa condição.

Sob o ponto de vista religioso acontece pior. Desde as culturas mais antigas, a atração por pessoas do mesmo sexo tem sido considerada gravíssimo pecado. Nos tempos bíblicos, no Velho Testamento, quem se atrevia a exercitar essa postura era punido com a morte.

Determinadas seitas costumam caracterizá-lo como efeito de influências demoníacas. Seria preciso exorcizar o demônio para curar o mal.

Na atualidade, a Medicina propõe que não se trata de uma doença ou desvio de comportamento.

Seria apenas uma maneira de ser de origem genética, sem configurar anormalidade. O indivíduo já nasceria assim, a partir de determinados níveis de androgênio, o hormônio masculino, no feto, durante a gestação.

Daí substituir-se o termo *homossexualismo*, que sugere um mal, para *homossexualidade*, que indica um comportamento decorrente de condição física.

Então o homossexual não pode sentir-se culpado, nem ser rejeitado por seus familiares e amigos como alguém comprometido com a imoralidade.

A única atitude passível de crítica seria o desvio para a promiscuidade e a prostituição, algo igualmente condenável no heterossexual.

A respeito do assunto, há observações, em *O Livro dos Espíritos*, que merecem nossa atenção.

Questão 200.

Têm sexo os Espíritos?

Não como o entendeis, pois que os sexos dependem da organização. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na concordância dos sentimentos.

Questão 201

Em nova existência, pode o Espírito que animou o corpo de um homem animar o de uma mulher e vice-versa?

Decerto; são os mesmos os Espíritos que animam os homens e as mulheres.

Temos nessas respostas decisiva contribuição em favor da igualdade dos sexos, a demonstrar que a distinção entre o homem e a mulher é apenas no aspecto morfológico, físico.

Os chamados *porcos chauvinistas*, machistas incorrigíveis, que proclamam a superioridade masculina, reencarnarão, mais cedo ou mais tarde, como mulher, e enfrentarão a discriminação e os preconceitos que cultivam.

Ao afirmar que a sexualidade existe no Espírito, mas não como o entendemos, o mentor espiritual situa o sexo como condição psicológica.

Será masculina quando predominem características de masculinidade, a privilegiar a inteligência.

Feminina, quando predominem características de feminilidade, a privilegiar o sentimento.

O homem, o cérebro.

A mulher, o coração.

Estagiando em ambos os sexos, ao longo dos milênios, o Espírito irá desenvolvendo tanto a feminilidade quanto a masculinidade, até chegar ao pleno desenvolvimento de ambas, com perfeito equilíbrio entre o que há de melhor nelas.

Então será um Espírito puro, que poderíamos situar como entidade angelical. Quando alguém diz que anjo não tem sexo exprime uma realidade. Não o tem como morfologia, nem como psicologia, porquanto tanto a masculinidade quanto a feminilidade estão plenamente desenvolvidas e equilibradas nele.

Se transita por ambos os sexos, nas experiências reencarnatórias, obviamente o Espírito nunca será totalmente feminino nem totalmente masculino, o que a própria psicologia admite.

O masculino sempre terá algo de feminilidade e vice-versa.

Um Espírito masculino pode, por exemplo, ter trinta por cento de feminilidade; um Espírito feminino pode ter igual proporção de masculinidade.

Quando um Espírito masculino reencarna como mulher, o componente feminino de sua personalidade será polarizado, valorizado. Terá uma psicologia feminina, sem problemas. O inverso acontece quando se trate de um Espírito feminino a reencarnar no sexo masculino.

Essa polarização pode não acontecer.

Então surgirá o problema, um conflito entre a psicologia e a morfologia. Mulher por fora, homem por dentro. Ou homem por fora, mulher na intimidade de si mesmo.

Como a Ciência detectou uma alteração nos níveis de estrogênio no homossexual, determinando sua orientação sexual, sugere-se que a causa seria física.

Na verdade a origem é espiritual, já que todos os eventos, todas as limitações e marcas no corpo apenas refletem a condição do Espírito.

Uma criança, por exemplo, nasce com a síndrome de Down, que é explicada pela ciência médica como fruto de uma alteração cromossômica, na formação do feto. Ocorre que essa anomalia não nasce ao acaso. Tem origem no Espírito. O corpo apenas reflete seus desajustes e necessidades cármicas.

O prezado leitor, certamente, estará matutando qual seria, espiritualmente falando, a origem da homossexualidade.

Bem pode ocorrer que, tendo reencarnado seguidas vezes como homem ou como mulher, o Espírito enfrente alguma dificuldade em relação à polarização, ao mudar de sexo.

Pode ser um problema de expiação, a partir de abusos e viciações sexuais, bem como a exploração do sexo oposto.

Em qualquer dessas situações há sempre um desconforto para o Espírito, ao enfrentar o desalinhamento entre a psicologia e a morfologia.

Não raro, em face de suas imperfeições, na ânsia de realizar seus impulsos nos domínios da sexualidade, o indivíduo assim enquadrado resolve assumir a condição psicológica. E surge o travesti, o homem que simula ser mulher e vice-versa.

Certa feita conversei com bela jovem, loira, alta, de olhos verdes. Enfrentava sérios problemas afetivos e acabou confessando que era homem. Foi a primeira vez que vi de perto um legítimo travesti, uma psicologia feminina em morfologia masculina. Mulher em corpo de homem.

Atendendo minhas indagações, informou que desde menino sentia-se mulher. Isso o afligia muito na adolescência, ao despertar da sexualidade, quando só sentia atração por rapazes. Na idade adulta resolveu vestir-se de mulher, mudando a identidade.

No entanto, era infeliz. Não conseguia um relacionamento amoroso legítimo. Os homens aproximavam-se apenas para o embalo de aventuras sexuais.

É uma situação difícil. Além do mais, há preconceitos terríveis contra o travesti. Execrado e anatematizado, é vítima de gozações e anedotário vulgar.

Se vinculado a atividades artísticas, situa-se como personagem de circo, pelo inusitado de sua condição, caricatura do sexo que pretende vivenciar.

Os mais imaturos acabam envolvendo-se com a prostituição, atendendo pessoas desajustadas que buscam aventuras sexuais.

Para que o respeitemos como ser humano, é preciso ver no travesti um Espírito em dificuldade, enfrentando o insuperável problema de uma psicologia que não se ajusta à morfologia.

Pode ocorrer, também, que o Espírito opte, ao reencarnar como homem, por privilegiar o lado feminino, ou vice-versa, o que tenderá a inibir aspirações afetivas, envolvendo cônjuge e filhos.

O objetivo seria canalizar a energia sexual, que é o impulso criador no ser humano, para realizações no campo da arte, da filosofia, da religião.

Um Leonardo da Vinci (1452-1519), um Rafael (1483-1520), um Miguel Ângelo (1475-1564), poderiam ser indevidamente enquadrados como homossexuais,

porquanto havia neles a sensibilidade e a emoção da feminilidade.

Provavelmente, muitos artistas de seu naipe nem exercitassem relacionamento sexual.

Há uma situação grave, comprometedora: a homossexualidade surgir como viciação.

Assim como há indivíduos que se viciam no fumo, no álcool, nas drogas, há viciados do sexo que, à procura de sensações, acabam desenvolvendo práticas homossexuais.

Pode acontecer, também, na adolescência, como experiência motivada pela curiosidade juvenil, ou em prisões, como alternativa para satisfação do sexo.

Por isso há homossexuais masculinos muito viris, assim como há lésbicas que são extremamente femininas.

Neste caso, como ocorre com toda viciação, é possível superar tal comportamento. Depende da vontade do homossexual, do seu esforço, considerando que, como todos os vícios, acabará por trazer-lhe problemas no futuro.

Alguns estudiosos do assunto, no campo espírita, consideram que a inversão psicologia/morfologia, que

caracteriza a homossexualidade, pode ser o resultado desse desvio em vidas anteriores.

Seja qual for a origem da homossexualidade, parece-me, caro leitor, que a postura espírita deve ser de respeito, sem discriminar ninguém.

Há quem pergunte se o homossexual pode frequentar reuniões mediúnicas, aplicar passes, ser associado do Centro Espírita.

Essas indagações sugerem pensamento preconceituoso, que não deve estar presente em nosso meio.

Tudo o que se deve exigir de irmãos nossos enquadrados nessa experiência não é nada além do que se espera de qualquer voluntário espírita: disciplina, dedicação, desejo de servir, respeitando-lhe a liberdade de consciência.

Oportuno, a respeito, um comentário de Emmanuel, no livro *Sexo e Vida*, psicografia de Francisco Cândido Xavier:

Observadas as tendências homossexuais dos companheiros reencarnados nessa faixa de prova ou de experiência, é forçoso se lhes dê o amparo educativo adequado, tanto quanto se administra instrução à maioria heterossexual.

E para que isso se verifique em linhas de justiça e compreensão, caminha o mundo de hoje para mais alto entendimento dos problemas do amor e do sexo, porquanto, à frente da vida eterna, os erros e acertos dos irmãos de qualquer procedência, nos domínios do sexo e do amor, são analisados pelo mesmo elevado gabarito de Justiça e Misericórdia.

Isso porque todos os assuntos nessa área da evolução e da vida se especificam na intimidade da consciência de cada um.

Sem choques

Há uma característica marcante na personalidade humana – o acomodamento.

Com raras exceções, mais cedo ou mais tarde, as pessoas renunciam à iniciativa.

Exemplo típico – o aposentado.

É aquele cidadão que trabalhou durante décadas. Lutou, enfrentou problemas, persistiu, habilitou-se à estabilidade financeira e concluiu que é tempo de descansar.

Reduzindo suas atividades ao mínimo, entrega-se ao *dulce fare niente*, adotando a postura *de papo pro ar*.

Esse comportamento equivale a um *marca-passo* evolutivo.

Aprendemos com a Doutrina Espírita que o Espírito não retrograda, mas, freqüentemente, estaciona.

Se passam as horas, os dias, os anos, sem que nos envolvamos com o empenho de aprender, o esforço da renovação, o exercício da solidariedade, o cultivo do ideal, a Vida roda em falso.

Não saímos do lugar.

Pior que o acomodamento: o amornamento.

É quando o indivíduo se permite uma coexistência pacífica entre o certo e o errado, o virtuoso e o vicioso, o bem e o mal, a verdade e a mentira...

Entram em cena, no palco das convicções negligenciadas, o adultério, o palavreado chulo, a mentira, o vício, a agressividade, a maledicência, a disposição em tirar vantagem, a corrupção...

– Bem... sei que não está muito correto, mas... ninguém é de ferro!

Quando essa dupla sinistra, o acomodamento e o amornamento, toma conta, só a morte dá jeito.

A perda do corpo físico impõe drástica revisão existencial, marcada por angústias e perplexidades para os negligentes em relação às aquisições espirituais a que se referia Jesus (Mateus, 6:20):

Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e roubam.

Mas ajuntai tesouros no Céu, onde nem a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões não arrombam nem roubam.

Deixar a jornada física sem os tesouros espirituais resulta em transferência obrigatória para regiões tormentosas no Além.

Bem, leitor amigo, com o passar do tempo, funciona a capacidade de adaptação do Espírito.

Ainda que segregado em regiões purgatoriais, compatíveis com seus deméritos e comprometimentos, tende a ocorrer novo acomodamento.

É como o indigente que se habitua a viver miseravelmente, contentando-se com migalhas.

No Além há uma agravante: ninguém morre de fome ou frio, o que favorece a indolência.

O jeito é um novo choque: a reencarnação.

O retorno às lides humanas concede-lhe a bênção do recomeço, sem a lembrança do passado, a fim de que supere o amornamento.

Por outro lado, há o salutar desafio de sustentar o novo corpo, sob inspiração do instinto de conservação, que é a ânsia de viver. Será preciso exercitar o trabalho, contrariando o acomodamento.

Será mais um dos incontáveis *choques*, que se sucederão, envolvendo o nascer e o morrer, o renascer e o remorrer, para vencer a dupla terrível, incrivelmente resistente.

De choque em choque, acabaremos chocados, não no sentido elétrico, mas biológico, fecundados para o progresso.

Melhor seria se pudéssemos acelerar esse processo.

Crescer a partir de nosso próprio esforço, sem a necessidade de tão drásticos estímulos.

Não é difícil.

Basta que, aqui ou no Além, cultivemos a companhia de outra dupla, esta dinâmica, libertadora, indicada pelo Espírito de Verdade, em *O Evangelho segundo o Espiritismo*:

O amor e a instrução.

Amar é, fundamentalmente, querer o bem de alguém. Por isso, quem ama de verdade está sempre empenhado em fazer algo por seu amado, como ocorre com as mães em relação aos filhos. E sempre haverá gente para ser beneficiada, se cultivarmos amor pela Humanidade.

Instruir-se é penetrar no mundo do conhecimento, alargando horizontes. Quem se empenha nesse sentido vê melhor, equaciona com propriedade seus

problemas, supera suas dificuldades, principalmente quando cogita dos porquês da Vida, atento aos valores espirituais.

Se persistirmos, caminharemos mais depressa, habilitando-nos a viver em planos mais altos do infinito.

Sem acomodamento, sem amornamento.

E, suprema felicidade:

Sem choques.

Perda de tempo

Se você perguntar-me, prezado leitor, qual o móvel das ações humanas, não serei nem um pouco original ao responder que é o anseio de felicidade.

Também não é nenhuma novidade que raros a encontram, não que esteja aquém das possibilidades humanas, mas, simplesmente, porque as pessoas parecem ter perdido o caminho que a ela conduz.

Voltaire (1694-1778), o irreverente filósofo francês, definia bem essa situação:

Os homens que procuram a felicidade são como bêbedos que não conseguem encontrar a própria casa, mas sabem que têm uma.

A felicidade deveria ser um estado natural, como uma casa aconchegante que nos abriga, proporcionando-nos proteção e bem-estar.

Afinal, por que nos sentimos infelizes, se temos por Pai um Deus de infinito Amor e Misericórdia, que trabalha incessantemente por nós?

Que representam percalços, dores e atribuições da existência humana, senão instrumentos de depuração, preparando-nos para gloriosa destinação?

O problema é que nos perdemos em desvios de entendimento. Prevalece, na sociedade humana, com raras exceções, um comportamento que engloba duas concepções:

- Hedonismo.

A existência orientada para a busca do prazer, envolvendo gastronomia, cinema, televisão, sexo, viagens, álcool, cigarro...

- Utilitarismo.

O empenho por ganhar dinheiro em atividades comerciais e profissionais para atender às exigências do... prazer.

Tudo o que fuja dessa orientação é considerado *perda de tempo*.

Impensável retornar aos bancos escolares, cogitar de reciclagem e aprendizado, a não ser que o objetivo seja ampliar a própria eficiência e produzir mais e melhor, de forma *utilitária*, em benefício do *hedonismo*.

Por isso, quando convidado a participar de uma atividade de caráter espiritualizante, há quem refugue,

alegando falta de tempo, para não cometer a indelicadeza de exprimir a equivocada convicção de que é *pura perda de tempo*.

Interessante, neste particular, uma observação de Rousseau (1712-1778) em sua obra maior, *O Emílio*:

Ousarei expor aqui a mais importante, a maior, a mais útil regra de toda a educação.

É não ganhar tempo, mas perdê-lo.

Considerando que a educação é, basicamente, o aperfeiçoamento integral de todas as aptidões humanas, diríamos que é preciso aprender a *perder tempo*, mesmo sob o ponto de vista utilitário.

Somente assim conseguiremos desenvolver algo que costumamos negligenciar, mas que é fundamental, em favor de nosso bem-estar: a conquista dos valores espirituais.

Acima do homem físico, envolvido com a dimensão material, contida nos estreitos limites do imediatismo terrestre, há o Espírito imortal, que não mergulhou na carne para atender a simples objetivos utilitários ou hedônicos.

Há um motivo bem mais importante.

Estamos aqui para evoluir!

Poderíamos definir esse objetivo como o aprimoramento de nossas faculdades intelectuais e morais, partindo do *homo sapiens* para o *homo angelicus*, do ser pensante para o ser angélico.

Para que isso aconteça é preciso *perder tempo*, mergulhando nos porquês da Vida, definindo os caminhos que devemos trilhar, avançando nos domínios da virtude e do conhecimento.

Quanto ao hedonismo, há uma observação genial, de Barbey d'Aureville, novelista francesa (1808-1889):

O prazer é a felicidade dos loucos.

A felicidade é o prazer dos sábios.

A sabedoria que faz a verdadeira felicidade consiste em procurar o prazer em atividades que representem alguma aquisição para a nossa alma, não importando a idade, sem comprometimentos físicos ou espirituais.

Lamentável, nesse particular, quando a pessoa dá por encerrado o *expediente da vida*, desinteressando-se de qualquer iniciativa, principalmente daquelas que dizem respeito a nossa condição de Espíritos imortais.

É preciso conservar a vivacidade, o ideal de aprender, de desdobrar experiências, cultivando o prazer de ampliar horizontes.

Do alto de seus oitenta e cinco anos, um senhor contestava:

– Ah! Meu filho! Tudo isso é muito bonito, mas não serve para mim. Já fiz o que tinha de ser feito. Agora estou em tempo de balanço!

Seria ótimo que estivéssemos todos em permanente avaliação existencial, procurando eliminar defeitos e conquistar virtudes.

O problema é que ele se referia não ao *balanço da existência*, mas à cadeira de balanço.

E dizia permanecer em expectativa, à espera do momento em que vestiria o *pijama de madeira* para morar na *cidade dos pés juntos*.

Não entendia que lá ficarão apenas nossos ossos.

Espíritos imortais, iremos habitar outros planos do Infinito, compatíveis com as virtudes e os conhecimentos desenvolvidos na Terra.

Portanto, sempre é tempo para algo aprender, no empenho permanente por vencer as próprias limitações, buscando os prazeres mais nobres, que envolvam nosso aprimoramento moral e espiritual.

A propósito, leitor amigo, convidando-o à reflexão sobre a felicidade, o substrato do prazer, um provérbio chinês:

*Se você quiser ser feliz por uma hora, tire uma soneca.
Se quiser ser feliz por um dia, vá pescar.
Se quiser ser feliz por um mês, case-se.
Se quiser ser feliz por um ano, herde uma fortuna.
Mas, se quiser ser feliz pela vida inteira, ajude o próximo.*

O dia-D

Dia-D, termo usado nos círculos militares, marca o início de determinada ação bélica.

O mais famoso ocorreu em 6 de junho de 1944, na maior operação militar aeronaval da História. Cento e cinquenta e cinco mil homens, dos exércitos dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Canadá, lançaram-se nas praias da Normandia, região da França atlântica, dando início à libertação européia do domínio nazista.

Começava o colapso do III Reich, o império que, segundo a propaganda de Adolf Hitler, deveria dominar o Mundo por mil anos.

Aquelas operações culminariam com o fim da Segunda Guerra Mundial, cujo início ocorrera cinco anos antes, com a invasão da Polônia pelas forças nazistas.

Após onze meses, a Alemanha rendia-se. O mesmo aconteceria com seu aliado, o Japão, quatro meses depois.

Terminava assim, em agosto de 1945, a pior de todas as guerras, com o espantoso saldo de cinquenta milhões de mortos, aproximadamente.

A Segunda Guerra Mundial foi relativamente curta, se confrontada com outras que se estenderam por décadas.

A pior de todas tem milhares de anos.

Eclodiu desde o aparecimento do Homem, envolvendo o embate entre duas concepções, definidas pelo dicionário Houaiss:

- *Espiritualismo.*

Doutrina que remonta às origens gregas da filosofia, e que consiste na afirmação da existência ou realidade substancial do Espírito, e de sua autonomia, diferença e preponderância em relação ao corpo material.

Tradução: Somos Espíritos imortais. Vivíamos antes do berço. Continuaremos a viver depois do túmulo.

- *Materialismo*

Doutrina que identifica, na matéria e em seu movimento, a realidade fundamental do Universo, com

a capacidade de explicação para todos os fenômenos naturais, sociais e mentais.

Tradução: Somos um agregado celular que, por razões insondáveis, adquiriu a capacidade de pensar, efemeramente, até que se esgote sua vitalidade, retornando ao pó, segundo a expressão bíblica.

O materialismo, infelizmente, tem dominado a Humanidade, não como idéia, já que a vasta maioria dos Homens admite a existência e sobrevivência da Alma, conforme ensinam as religiões.

Seu domínio diz respeito à vivência, à maneira de ser.

Raros comportam-se de acordo com a noção de que continuaremos a viver após a morte física e de que nos pedirão contas, no Além, do que estamos aprontando na Terra.

Isso porque a sobrevivência tem sido uma questão de fé, defendida pelas religiões, com base em especulações que recendem a fantasia.

Nesse milenar conflito há um Dia-D.

Ocorreu no dia 18 de abril de 1857, com o lançamento de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec.

Incurções ocorreram antes disso, envolvendo agentes infiltrados no *território inimigo*, Espíritos que se manifestavam com o concurso de indivíduos dotados de grande sensibilidade, os médiuns.

Com o Espiritismo tivemos autêntica invasão, que tende a ampliar-se e multiplicar-se, conforme os iniciantes aprendam como se processa o fenômeno mediúnico, que permite o intercâmbio com o Além.

Temos no Espiritismo o mais importante *esforço de guerra* na luta contra o materialismo, cujo sucesso é de importância vital para que a Terra deixe de ser um planeta de Provas e Expiacões e seja promovida a Mundo de Regeneração, como está em *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Há que se considerar as posturas dos combatentes *espíritas*, conforme a definição de Kardec, em *O Livro dos Médiuns*:

Espíritas sem o saberem.

Sem jamais terem ouvido tratar da Doutrina Espírita, possuem o sentimento inato dos grandes princípios que dela decorrem e esse sentimento se reflete em algumas passagens de seus escritos e de seus discursos, a ponto de suporem, os que os ouvem, que eles são completamente iniciados.

Ainda que não engajados, contribuem para o *esforço de guerra*.

- *Espíritas experimentadores.*

Os que crêem pura e simplesmente nas manifestações. Para eles o Espiritismo é apenas uma ciência de observação, uma série de fatos mais ou menos curiosos.

Meros simpatizantes, não se dispõem a *pegar nas armas*.

- *Espíritas imperfeitos.*

Os que no Espiritismo vêem mais do que fatos; compreendem-lhe a parte filosófica; admiram a moral daí decorrente, mas não a praticam. Insignificante ou nula é a influência que lhes exerce nos caracteres. Em nada alteram seus hábitos e não se privariam de um só gozo que fosse. O avarento continua a sê-lo, o orgulhoso se conserva cheio de si, o invejoso e o cioso sempre hostis. Consideram a caridade cristã apenas uma bela máxima.

Autênticos *quintas-colunas*. Postura espiritualista; comportamento materialista.

- *Espíritas exaltados.*

A espécie humana seria perfeita, se sempre tomasse o lado bom das coisas. Em tudo, o exagero é prejudicial. Em Espiritismo, infunde confiança demasiado cega e

freqüentemente pueril, no tocante ao mundo invisível, e leva a aceitar-se, com extrema facilidade e sem verificação, aquilo cujo absurdo ou impossibilidade a reflexão e o exame demonstrariam. O entusiasmo, porém, não reflete, deslumbra. Esta espécie de adeptos é mais nociva do que útil à causa do Espiritismo. São os menos aptos para convencer a quem quer que seja, porque todos, com razão, desconfiam dos julgamentos deles. Graças à sua boa-fé, são iludidos, assim por Espíritos mistificadores, como por homens que procuram explorar-lhes a credulidade.

Soldados despreparados, abrem flancos nas fileiras espíritas.

- *Espíritas cristãos.*

Os que não se contentam com admirar a moral espírita, que a praticam e lhe aceitam todas as conseqüências. Convencidos de que a existência terrena é uma prova passageira, tratam de aproveitar os seus breves instantes para avançar pela senda do progresso, única que os pode elevar na hierarquia do mundo dos Espíritos, esforçando-se por fazer o bem e coibir seus maus pendoros...

Disciplinados e firmes em seus ideais, esses soldados estão empenhados no bom combate, a que se

referia o apóstolo Paulo, o esforço do Bem aliado ao empenho de renovação.

Notável a expressão espírita cristão, que situa na vanguarda da espiritualização da Humanidade os espíritas que se ligam aos valores do Evangelho.

Se aspiramos a essa gloriosa realização, é bom ter sempre presente uma observação do Espírito Lacordaire, no Capítulo V, de O Evangelho segundo o Espiritismo:

O militar que não é mandado para as linhas de fogo fica descontente, porque o repouso no campo nenhuma ascensão de posto lhe faculta.

Sede, pois, como o militar e não desejeis um repouso em que o vosso corpo se enervaria e se entorpeceria a vossa alma.

Alegrai-vos, quando Deus vos enviar para a luta. Não consiste esta no fogo da batalha, mas nos amargores da vida, onde, às vezes, de mais coragem se há mister do que num combate sangrento, porquanto não é raro que aquele que se mantém firme em presença do inimigo fraqueje nas tenazes de uma pena moral.

Nenhuma recompensa obtém o homem por essa espécie de coragem; mas, Deus lhe reserva palmas de vitória e uma situação gloriosa.

Quando vos advenha uma causa de sofrimento ou de contrariedade, sobreponde-vos a ela, e, quando houverdes conseguido dominar os ímpetos da impaciência, da cólera, ou do desespero, dizei, de vós para convosco, cheio de justa satisfação: "Fui o mais forte".

Esses, leitor amigo, os heróis que contribuirão decisivamente para a vitória dos *exércitos espiritualistas*, habilitando-se à suprema comenda: *soldados do Cristo!*

Para nossa edificação

Que diremos, pois, irmãos? Quando vos reunis, um tem salmo, outro doutrina; este traz revelação, aquele outro língua, e ainda outro interpretação. Seja tudo feito para a edificação.

No caso de alguém falar em outra língua, que não sejam mais do que dois ou quando muito três, e isto sucessivamente, e haja quem interprete. Mas, não havendo intérprete, esteja calado na igreja, e fale consigo mesmo e com Deus.

Tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três e os outros julguem. Se, porém, vier revelação a outrem que esteja assentado, cale-se o primeiro. Porque todos podereis profetizar, uns após outros, para que todos aprendam e sejam consolados.

Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas.

Porque Deus não é de confusão, e, sim, de paz.

Estas orientações parecem retiradas de um compêndio atual sobre mediunidade. No entanto, têm quase vinte séculos.

Estão na *Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios*.

O apóstolo fala com acerto de uma diversidade de carismas, dons espirituais que chamaríamos mediúnicos.

Há os que vêem os Espíritos; aqueles que os ouvem; os que transmitem suas manifestações; os que o fazem em línguas estrangeiras...

A mediunidade era intensamente cultivada na primitiva comunidade cristã. Os Espíritos que orientavam o movimento estavam sempre presentes, em manifestações definidas, genericamente, como do Espírito Santo.

Eram tantos os fenômenos e envolviam tantos médiuns, chamados então profetas, que Paulo houve por bem disciplinar aquele intercâmbio, evitando tumultos.

A própria xenoglossia, a manifestação em língua estrangeira, tão empolgante, deveria ser evitada quando não houvesse alguém para traduzir, a fim de que todos entendessem.

Detalhe importante: o intercâmbio com o Além não deve ser vulgarizado. Que seja tudo feito para a edificação, recomenda o apóstolo. Edificar no sentido

de inspirar sentimentos elevados, de induzir ao esforço do Bem.

Oportuno ressaltar que foi por intermédio de fenômenos mediúnicos de efeitos físicos, em materializações sublimes, que Jesus ergueu o ânimo dos discípulos, infundindo-lhes inabalável convicção quanto à grandiosidade daquele movimento renovador a que eram convocados.

Seria sob inspiração das gloriosas manifestações de Jesus e dos Espíritos Superiores que a comunidade cristã enfrentaria toda sorte de perseguições, regando com seu suor e seu sangue a árvore nascente do Cristianismo, para que o Evangelho se estabelecesse na Terra, como supremo marco de luzes, alicerce sublime para a edificação do reino de Deus.

Um dos grandes equívocos dos dirigentes cristãos, talvez o mais grave, foi eliminar o intercâmbio com o Além, a partir da institucionalização do Cristianismo iniciada com o *Édito de Milão*, de Constantino, no século IV.

Atrelado ao carro do poder temporal, o movimento não só perdeu o contato com a Espiritualidade Maior, como o desestimulou, porquanto as orientações que chegavam do Alto contrariavam as tendências assu-

midas, voltadas para o culto exterior, ignorados os propósitos de edificação preconizados por Paulo.

Isso tudo apenas confirmou as previsões de Jesus, na última ceia, quando informou que seus ensinamentos seriam esquecidos.

A partir de então, sem as diretrizes da Espiritualidade, os teólogos cristãos enveredaram pelos caminhos da especulação. Concebeu-se uma teologia fantasiosa, fixada irremediavelmente pelo dogma, este instrumento terrível de aniquilamento da razão.

E quando veio o Espiritismo, o Consolador prometido por Jesus, foi estrangido a manifestar-se fora dos círculos religiosos, porquanto estes estavam atrelados ao materialismo, negando veementemente a possibilidade de intercâmbio com o Além, paradoxo tanto mais lamentável, quando lembramos que a primitiva comunidade o cultivava.

Embora num patamar mais elevado, sob orientação desse primoroso compêndio que é *O Livro dos Médiuns*, o fenômeno mediúnico esbarra, como aconteceu, no passado, nas limitações e tendências imediatistas que caracterizam o Homem.

A partir daí, temos alguns problemas envolvendo a mediunidade nos arraiais espíritas:

• *Banalização.*

A prática mediúnica indiscriminada, reuniões mediúnicas públicas, Centros Espíritas transformados em gabinetes de consultas, envolvendo médiuns sem disciplina e orientadores sem orientação.

Mesmo médiuns dotados de apreciáveis faculdades acabam complicando-se por não considerarem a sábia observação de Kardec: os Espíritos são apenas homens desencarnados. Não detêm a sabedoria perfeita, nem a verdade em plenitude.

Vale lembrar, a esse propósito, a experiência do médium Jovino, que comento no livro *Atravessando a Rua*.

Era vidente. Identificava, freqüentemente, junto de si, simpático Espírito que se dizia seu protetor. Habitou-se a consultá-lo, em princípio a respeito de questões doutrinárias; depois, sobre problemas pessoais; finalmente, a pretexto de qualquer assunto.

Quando adquiriu um automóvel, motorista inexperiente incorporou a ajuda do acompanhante do Além, a partir da sua indecisão, num cruzamento movimentado, quando este lhe falou, resolutivo:

– Vai que dá!

E Jovino foi... Daí em diante, encontrou no mentor um eficiente co-piloto. Em qualquer dificuldade, aguardava o sinal verde:

– Vai que dá!

Confiante, saiu da cidade. Transitava por estrada acidentada, quando viu um aviso: logo adiante havia uma ponte estreita, passagem para um veículo apenas. Do outro lado aproximava-se um caminhão enorme, em alta velocidade. Jovino vacilou. Daria tempo de cruzar a ponte, antes dele?

O mentor veio em seu socorro.

– Vai que dá!

Confiante, o médium pisou o acelerador. O velocímetro atingiu rapidamente a marca dos cento e vinte quilômetros horários, impulso aumentando sempre...

No entanto, ao entrar na ponte, viu que o caminhão fazia o mesmo do outro lado! Choque inevitável, desses que levam as pessoas a afirmar, impressionadas:

– Não sobrou nem a alma!...

Jovino arregalou os olhos, apavorado, enquanto o mentor, a seu lado, dizia-lhe, num murmúrio desolado:

– Xiii!... Acho que não vai dar, não!

Fora apenas um palpite... errado!

• *Elitização*

A prática mediúnica restrita ao âmbito dos iniciados, grupo reduzido.

Estudioso e lúcido confrade, dotado de larga experiência como doutrinador, mudou-se para outra cidade por força de seus compromissos profissionais.

Como todo trabalhador espírita consciente, logo procurou um Centro que lhe fora indicado. Expôs sua experiência anterior ao presidente da instituição. Este informou que deveria freqüentar as reuniões públicas durante alguns meses e participar de um curso. Depois esperaria por vaga no grupo mediúnico.

– Há apenas um?

– Sim.

– Mas o Centro tem bom movimento. Os freqüentadores não gostariam de participar?

– Muitos o desejam, mas não há lugar para todos...

– E por que não formam novos grupos?

O dirigente sorriu e falou professoral:

– Prática mediúnica é algo muito sério, meu amigo. Não pode ser banalizada.

– Deverei esperar...

– Sim, cultivando a paciência, uma das virtudes evangélicas.

Nosso companheiro, que exercita a paciência sem confundi-la com inércia, nem é de perder tempo, tratou de procurar outro Centro, onde não fosse tão complicado trabalhar como voluntário e exercitar o que a Doutrina Espírita veio reinstaurar – o intercâmbio com o Além.

• *Negligenciamento.*

Há Centros Espíritas que simplesmente suprimem a prática mediúnica. Dizem os dirigentes:

– O tempo do fenômeno passou. Temos suficientes informações da espiritualidade. Agora é cuidar da divulgação da Doutrina e sua aplicação no meio social.

Incrível! Pretendem fazer um Espiritismo sem os Espíritos, incorrendo em engano semelhante aos cristãos medievais, que pretenderam fazer um Cristianismo sem o Cristo, representado nas manifestações do Espírito Santo.

A propósito do assunto, peço licença ao leitor para destacar as atividades do Centro Espírita Amor e Caridade, em Bauru.

Fundado em 1919, o CEAC congrega hoje um complexo de entidades: albergue noturno, centro de triagem de migrantes, creche, berçário, escola de orientação social e profissional, núcleos de assistência familiar, assistência à gestante, aos presídios, aos hospitais, envolvendo perto de novecentos voluntários e cento e quarenta funcionários, beneficiando vinte e cinco mil pessoas, anualmente.

Qual a mágica capaz de aglutinar tanta gente?

Não há nenhuma. Apenas a aplicação da Doutrina Espírita, envolvendo a necessidade de participarmos da vida social, sob inspiração da máxima de Kardec:

Fora da Caridade não há Salvação.

Entenda-se o termo salvação não no aspecto escatológico, de vida futura, mas no sentido de superarmos a inércia e a indiferença que geram os males humanos, contribuindo para a edificação de um mundo melhor.

Há uma idéia sempre presente no CEAC, nas reuniões públicas, na evangelização infantil, na aulas da mocidade, nos cursos, nas orientações doutrinárias: participação!

O espírita não pode ser mero *esquentacadeira* ou *papa-passes*. Inadmissível que, ano após ano, frequente reuniões e receba benefícios, sem assumir compromissos. É preciso arregaçar as mangas.

Em face da ênfase sobre o assunto, ocorre notável e abençoado moto-contínuo:

Ampliam-se os serviços para atender voluntários que chegam.

Chegam voluntários na proporção em que os serviços são ampliados.

Igual empenho merecem as reuniões mediúnicas.

O CEAC tem, atualmente, setenta e dois grupos, que se distribuem por numerosas salas, em todos os

dias da semana, em variados horários, pela manhã, à tarde e à noite, procurando-se usar da forma mais ampla possível as dependências da casa.

É um aspecto importante a ser destacado. Há salas no Centro Espírita reservadas para uma única atividade doutrinária semanal. Isso significa que nas cento e sessenta e oito horas da semana há um aproveitamento de apenas duas horas, pouco mais de um por cento do tempo disponível.

Várias razões podem ser evocadas em favor da disseminação da prática mediúnica, no Centro Espírita.

- *Sustentação do ideal espírita.*

O Espiritismo nasceu da mediunidade. Essa atividade jamais deve ser relegada a plano secundário. É básica! É prioritária!

Para tanto Kardec se deu ao trabalho de escrever *O Livro dos Médiuns*, que disciplina o contato com os Espíritos.

Considerado um tratado de ciência espírita, para pesquisadores é, sobretudo, um manual para iniciantes, estimulando o intercâmbio com o Além.

- *Amparo espiritual.*

É na reunião mediúnica que temos as melhores oportunidades para receber benefícios.

Freqüentemente sofremos o assédio de entidades perturbadas ou perturbadoras, experimentando sentimentos negativos, idéias infelizes, sensações desagradáveis...

Em contato com a Espiritualidade, os mentores espirituais podem trabalhar nosso psiquismo de forma mais ampla, revigorando-nos e afastando influências negativas.

É um recarregar de baterias espirituais, em favor de nossa saúde e bem-estar, algo que não podemos dispensar, em nosso próprio benefício.

- *Ajuda aos desencarnados.*

A reunião mediúnica é precioso ensejo de exercitar a caridade.

Uma das revelações mais surpreendentes da Doutrina Espírita diz respeito à imensa quantidade de Espíritos que desencarnam despreparados para a grande transição. Presos aos interesses humanos, permanecem inconscientes, quais sonâmbulos que falam e ouvem.

Em contato com as energias do ambiente mediúnico e do médium, experimentam uma revitalização, como se sorvessem poderoso tônico que os desperta e lhes dá alguma lucidez, favorecendo sua readaptação à vida espiritual.

Ajudamos e somos ajudados, em valiosos investimentos em favor de nosso bem-estar, nas experiências humanas ou no Além, quando chegar a nossa hora.

Conta-se que quando o Dr. Bezerra de Menezes desencarnou havia uma multidão de Espíritos a oferecer-lhe boas-vindas.

Eram beneficiários de sua bondade.

Dentre eles, centenas que havia socorrido nas reuniões mediúnicas de que participara, consolando-os e mudando suas disposições com palavras de esclarecimento e carinho.

Vinham demonstrar sua gratidão.

- *Conscientização.*

Quanto maior o número de grupos mediúnicos, mais Espíritos serão beneficiados, mais pessoas serão favorecidas com algo de fundamental importância em favor de nossa realização como espíritas: a consciência de imortalidade.

Somos Espíritos em trânsito pela Terra, em jornada de aprendizado, seres imortais que já vivíamos antes do berço e continuaremos a viver depois do túmulo.

Qualquer espírita medianamente informado sabe disso.

Mas não basta saber. É preciso viver!

Imperioso que essa idéia repercuta em nossa maneira de ser, em nosso comportamento.

O contato freqüente com a realidade espiritual é o grande estímulo. Particularmente os sofredores do Além constituem advertências contundentes a nos mostrar o que poderá nos acontecer se não vivermos os ideais espíritas, relacionados com a reforma íntima e a prática do Bem.

Obviamente, atendendo aos postulados espíritas, não podemos instalar grupos afoitamente.

Como Kardec deixa bem claro, em *O Livro dos Médiuns*, a participação em trabalhos mediúnicos exige conhecimento do assunto. É imperioso que se instalem cursos, que haja um estudo sistematizado, a fim de que as pessoas se preparem para o trabalho mediúnico e se compenetrem de seus deveres.

No CEAC temos um curso preparatório de dois anos.

No primeiro ano, básico, a abordagem dos principais temas doutrinários.

No segundo, complementar, estudo da mediunidade.

Ao final iniciam-se os trabalhos, sem interromper os estudos. Estes permanecem, buscando sempre aprimorar a participação.

Os grupos congregam de dez a vinte pessoas.

Inicialmente, o treinamento e o desenvolvimento mediúnico.

No desdobrar das experiências, de acordo com suas afinidades e tendências, podem evoluir para outras modalidades.

Fundamentalmente, todos funcionam como escolas de espiritualidade e abençoada oportunidade de ajudar a vasta multidão de Espíritos que desencarnam sem nenhum preparo para a jornada além-túmulo, a situarem-se atormentados e infelizes.

A rotina das reuniões destinadas ao auxílio espiritual envolve prece de abertura, estudo de texto sobre mediunidade, leitura e comentário de mensagem evangélica e o intercâmbio.

Há uma atividade que deve ser estimulada e instuída em todas as reuniões mediúnicas que envolvem ajuda espiritual e doutrinação de Espíritos. Trata-se do trabalho de vibrações, imediatamente anterior ao exercício mediúnico.

É bastante simples.

O dirigente lê pausadamente, com intervalo de meio minuto, nome, endereço e idade de pessoas a serem atendidas, enquanto o grupo, concentrado,

emite vibrações de carinho, saúde e bom ânimo em seu benefício. Elas equivalem a vigoroso passe magnético à distância.

Podemos, também, atrair para a reunião Espíritos que, consciente ou inconscientemente, estão perturbando alguém.

Muitos desencarnados não percebem sua nova condição, em face do despreparo para a vida espiritual. Sofrem uma turvação mental. Presos aos ambientes em que viveram, ficam perplexos com o fato de que ninguém lhes dá atenção. No afã de pedir socorro, acabam exercendo influência desajustada sobre familiares com os quais guardam alguma afinidade.

Uma senhora cuidou durante algum tempo de seu irmão, paciente terminal. Dedicou-se inteiramente, durante meses.

Quando ele faleceu, foi possuída por inexplicável sentimento de medo e forte tensão. Pouco dormia, sono agitado, sonhos nebulosos envolvendo o morto, que parecia pedir-lhe socorro.

Anotado seu nome, efetuadas as vibrações, eis que o irmão manifestou-se, perplexo, confuso, inconsciente...

Atendido e orientado, foi encaminhado a uma instituição socorrista do plano espiritual. A partir daquela noite, a senhora voltou a dormir tranqüilamente.

Era o próprio irmão que a perturbava, não intencionalmente, com o propósito de prejudicar, mas como um naufrago que se agarra a alguém.

Às vezes a influência vem de Espíritos que têm plena consciência do que estão fazendo e o propósito de interferir na vida das pessoas.

Certa feita, após as vibrações, ao entrarmos na prática mediúnica, manifestou-se um Espírito bastante irritado, agressivo mesmo. Dizia, veemente, que pretendia reencarnar *naquela casa, filho daquela mulher*. Reportava-se a um nome constante da lista de vibrações. Tratava-se de jovem senhora, em início de gestação, que vinha sofrendo persistente hemorragia.

O manifestante proclamava estar empenhado em provocar o aborto e que seria inútil qualquer interferência.

O doutrinador ponderou:

– Amigo, certamente você tem boas razões para reencarnar e gosta muito daqueles que pretende sejam seus pais, não é mesmo?

– Sim, muito! Temos ligações. Retornarei ao convívio deles como filho. Não admito que ninguém me passe para trás.

– Louvável e corajosa sua intenção. A experiência na carne é um grande desafio, marcado por sofrimentos e dificuldades. Não obstante, vocês estreitarão laços de afinidade.

– Isso mesmo.

– Há pequeno problema...

– Grande ou pequeno, não importa. Ninguém me impedirá!

– Só você mesmo...

– Não estou entendendo...

– Sua interferência está gerando insuperável impedimento. Como não ignora, nossa irmã tem certas limitações. Foi difícil engravidar...

– Sei disso. Conheço a situação em seus mínimos detalhes.

– Deve saber também que se ela sofrer um aborto correrá o risco de não mais ter filhos, em virtude de seqüelas que podem ficar...

O médium agitou-se, refletindo a surpresa do Espírito.

– Ora essa! Não tinha pensado nisso!

– Pois é. Pretendendo evitar que seu futuro-irmão reencarne, está fechando a porta da reencarnação para si mesmo.

O manifestante mostrava-se agora desolado.

– Idiota que sou! Trabalho contra mim mesmo! E agora, o que faço?!

– Ainda é tempo. Mude suas disposições. Ao invés de criar embaraços, ajude nossa irmã. Seja um amigo, um protetor, para que tudo corra bem e ela seja preservada. Assim poderá, mais tarde, recebê-lo como filho.

O médium chorava copiosamente, extravasando a emoção do manifestante. Demonstrando surpreendente transformação, agradecia a interferência do grupo e prometia seguir a orientação recebida.

Alguns dias depois tivemos notícia de que haviam cessado as hemorragias da jovem, com excelentes perspectivas de uma gestação tranqüila.

Relatamos essa experiência no livro *O Destino em Suas Mãos*, destacando o valor desse trabalho nas reuniões mediúnicas.

Há um adendo:

Posteriormente, a jovem senhora nos escreveu, informando que o filho, mais exatamente uma filha, nasceu sem nenhum problema. Quando a menina estava com dois anos, passou por um período difícil. Tinha pesadelos, parecia discutir com alguém.

A mãe logo deduziu que era o obstinado candidato à reencarnação em seu lar.

Certa noite fechou-se com a filha no quarto e orou até que a pequena adormecesse. Depois, dirigiu-se ao Espírito:

– Meu amigo, estou preparada para recebê-lo. Por favor, venha em paz, consciente de que será recebido com muito amor.

A partir daí a filha não teve mais problemas.

Meses depois a jovem mãe ficou grávida. O segundo filho, também uma menina, nasceu sem problemas.

Finalmente o Espírito conseguira concretizar seu propósito, graças a um generoso coração de mulher.

Histórias semelhantes se repetem, com freqüência.

Conhecidas nos bastidores da espiritualidade, vazam para o plano físico quando há oportunidade, por ensejo de edificação.

As pessoas que participam de reuniões mediúnicas sempre têm experiências gratificantes a relatar a respeito desse abençoado trabalho, dádiva celeste proporcionada pela Doutrina Espírita.

Estas considerações já se fazem longas, mas peço licença ao leitor para resumi-las, a título de fixação:

- A primitiva comunidade cristã exercitava intenso intercâmbio com o mundo espiritual.
- A proibição desse contato favoreceu os desvios do Cristianismo.

- O Espiritismo revive a prática mediúnica num patamar mais elevado.
- A banalização, a elitização e o negligenciamento devem ser combatidos com firmeza.
- Compromisso de todo espírita consciente, a reunião mediúnica é o aspecto sagrado do Espiritismo, a ser cultivado com assiduidade, respeito e consciência de dever.
- Devemos estimular a formação de grupos mediúnicos, a partir de cursos regulares, oferecendo aos freqüentadores da casa espírita a oportunidade de prestar e receber benefícios.
- Que seja cultivada rigorosa disciplina, envolvendo o estudo dos postulados doutrinários e a prática da caridade, no atendimento aos sofredores do Além.
- A reunião mediúnica é enriquecida quando incluímos o trabalho de vibrações.

Imperioso usar o espaço ocioso dos Centros Espíritas, com a multiplicação de grupos mediúnicos disciplinados e ativos, estendendo benefícios a encarnados e desencarnados.

Estaremos contribuindo para que o Espiritismo seja sempre a Doutrina dos Espíritos, essa chama gloriosa que ilumina nossos caminhos oferecendo-nos significado e objetivo para a existência humana.

Certa a Terra humilhada...

A noite do calvário

Domina o mundo inteiro

Sobre o carro da opressão,

Com mandibulas torazes

De lobos que se sublevar,

Roma enchurrada de irco

Estendia e escramião.

Entre as águas pedregosas,

juza Atenas vencida,

Carpa Cartago a Vila

Ligada a grilhão cruz,

Na Capadócia, na Trácia,

Na Mauritânia e no Egito,

O povo chorava aflito,

Tragando acuta e fi.

Mandar o povo pensar

*Gemia a Terra humilhada...
A noite do cativoiro
Dominava o mundo inteiro
Sobre o carro da opressão.
Com mandíbulas vorazes
De loba que se subleva,
Roma encharcada de treva
Estendia a escravidão.*

*Entre as águias poderosas,
Jazia Atenas vencida,
Carpia Cartago a Vida
Ligada a grilhão cruel...
Na Capadócia, na Trácia,
Na Mauritânia e no Egito,
O povo chorava aflito,
Tragando cicuta e fel.*

O frio invadira os templos,
Não mais Eros de olhar brando,
Nem bela Afrodite amando,
Nem Apolo encantador.
O Olimpo dormira em sombra...
Cessara a graça de Elêusis,
Não surgiam outros deuses
Que não fossem do terror.

Mas quando o mal atingira
O apogeu da indiferença,
Disse Deus na Altura Imensa:
"Faça-se agora mais luz!"
E uma mensagem desceu brilhando
Para a História envilecida:
Era o Evangelho da Vida,
Sob as lições de Jesus.

Tremeram dourados sólios,
O orgulho caiu de rastros,
Arcanjos vinham dos astros
Em cânticos de louvor.
Mas ao invés de vingança,
Contra o ódio, contra a guerra,
A mensagem pedia à Terra
Bondade, Perdão e Amor...

Começara o Novo Reino...
Horizontes infinitos
Descerraram-se aos aflitos,
Perdidos nos escarcéus...
Os fracos e os desditosos,
Os tristes e os deserdados,
Contemplaram, deslumbrados,
Novos mundos, novos céus.

Desde então, a Humanidade
Trabalha, cresce, porfia,
Ao clarão de novo dia,
Por escalar outros sóis.
E a mensagem continua
Em sublimes resplendores,
Formando renovadores,
Artistas, Santos e Heróis!

Espíritas, companheiros
Da grande luz restaurada,
Tracemos a nossa estrada
Na glória do amor cristão...
E servindo alegremente,
Na luta, na dor, na prova,
Busquemos na Boa Nova
A mensagem da redenção!

O *estilo é o homem*, afirmam os exegetas.

Podemos identificar o autor de um texto atentando à sua maneira de exprimir-se, como se fosse uma assinatura.

Observada essa regra, não é preciso ser *expert* para reconhecer neste poema nosso inconfundível Castro Alves.

Alguém familiarizado com sua obra estranhará, já que não consta de nenhum compêndio. É que ele nos escreve do Além, mensagem entregue por esse admirável carteiro dos Espíritos que foi Francisco Cândido Xavier.

O grande poeta da abolição situa o *Evangelho* como um livro divino, que dividiu o tempo em antes e depois de Jesus.

Curiosamente, o Mestre Nazareno não foi escritor. Não deixou uma só linha. Simplesmente viveu intensamente a sua mensagem, transformando a própria existência num compêndio divino de luzes e bênçãos para a Humanidade.

O *Evangelho*, cujo significado literal é *Boa Nova*, foi compilado a partir de variadas fontes, a começar das quatro biografias atribuídas aos apóstolos Mateus e

João, que conviveram com Jesus, e Lucas e Marcos, que escreveram com base na tradição oral.

Depois temos *Atos dos Apóstolos*, que descreve as atividades iniciais da igreja cristã, atribuído a Lucas.

Seguem-se as *Epístolas* de Paulo, Pedro, João e Tiago, cartas que orientavam o movimento inicial. Destacam-se as de Paulo, que se empenhava em demonstrar que o Cristianismo não era mera seita judaica. Tinha um caráter universal, destinado a todos os povos.

Para finalizar, o *Apocalipse*, uma visão simbólica sobre o futuro da Humanidade, atribuído ao apóstolo João.

Até que Gutenberg (1390-1468), no século XV, inventasse a tipografia, os livros eram manuscritos. Trabalho delicado, que exigia letra firme e boa, muito capricho e uma paciência sem limites.

Monges medievais, encarregados de copiar a *Bíblia*, podiam levar perto de um ano para reproduzir um único exemplar.

O problema era a interferência das autoridades religiosas que, não raro, de conformidade com seus interesses e as tendências da época, adulteravam os textos, introduzindo modificações.

Os exegetas, que analisam em profundidade o conteúdo da *Bíblia*, situam por apócrifos, de autenticidade duvidosa, muitos acontecimentos ali relatados.

O mais radical, Ernest Renan (1823-1892), que foi contemporâneo de Kardec, chegava a afirmar que autêntico no *Novo Testamento* seria apenas *O Sermão da Montanha*.

Quando examinou os textos evangélicos para escrever *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Allan Kardec considerou essa dificuldade. Por isso, sabiamente, deteve-se no aspecto moral, examinado à luz dos princípios espíritas.

Quando Jesus proclama que *é preciso nascer de novo*, Kardec situa a reencarnação como parte fundamental do processo evolutivo, envolvendo o Espírito imortal, em trânsito pela carne.

Quando Jesus situa por *bem-aventurados os que têm fome de justiça, porque serão saciados*, Kardec desfaz dúvidas sobre as aparentes injustiças da Terra, comentando as causas anteriores e atuais das aflições, como fruto de nossas ações.

Quando Jesus informa que devemos *perdoar não sete vezes, mas setenta vezes sete*, Kardec evidencia a necessidade de relevar as faltas alheias, ao descrever os graves problemas espirituais gerados pelo ressentimento e o ódio, a se projetarem na vida espiritual e nas existências futuras.

Quando Jesus recomenda aos beneficiários de suas curas que *não pequem mais, para que não lhes suceda pior*, Kardec demonstra que há estreita relação de causa e efeito entre nossos males e nossos comprometimentos morais.

Quando Jesus ensina que *Deus é Espírito e em espírito deve ser adorado*, Kardec ensina que toda intermediação, em ritos e rezas, ofícios e oficiantes, desvitaliza a emoção e inibe a possibilidade de comunhão autêntica com as Fontes da Vida.

Jesus ensina.

Kardec conscientiza.

Jesus aponta o caminho.

Kardec evidencia que é preciso trilhá-lo.

Jesus convida ao Bem.

Kardec explica que não há alternativa para sermos felizes.

Afirmativa freqüente:

O que é bom para nós pode não ser bom para os outros.

A recíproca é verdadeira.

O que é bom para nós pode ser bom para os outros.

Se o Espiritismo é a maravilha que todo espírita conhece, oferecendo-nos gloriosa visão das realidades espirituais, mister que nos engajemos na divulgação de seus princípios.

Obviamente, isso não significa que azucinemos ouvidos alheios com buzinaços doutrinários. No campeonato da inconveniência, ocupa lugar de destaque aquele que insiste em demonstrar, para quem não quer ouvir, a excelência de sua religião.

Certa feita, meu pai recebeu a visita de dois divulgadores de determinada crença religiosa. Pedindo licença, entraram em nossa casa e, desde logo, deitaram falação sobre o fim do Mundo e as perspectivas de salvação oferecidas por sua igreja.

Desconfiômetro desligado, insistiam em prolongar a conversa que ele tentava encurtar. Finalmente dispuseram-se a partir, não sem antes propor um retorno no dia seguinte.

Meu pai, procurando esquivar-se, dizia-lhes trabalhar muito e pouco ficar em casa. Como insistissem, alegou, com a evidente disposição de dispensá-los:

– Só estarei em casa para o almoço.

Os inconvenientes não tiveram dúvida. Convidaram-se:

– Ótimo. Se não se importar, almoçaremos juntos. Poderemos falar à vontade.

E vieram mesmo.

No fim *seu Chiquinho* foi obrigado a encerrar o assunto, informando, incisivo:

– Creio que não vai adiantar continuarmos conversando. Perdemos tempo. Sou espírita e não me importo de ir para o inferno. Gosto de conviver com muita gente e não aprecio harpa.

Pessoas assim, amigo leitor, geram efeito contrário ao pretendido. Seus interlocutores desenvolvem forte rejeição aos princípios que pretendem disseminar.

Kardec, com a sabedoria que o caracterizava, recomendava que não devemos nos preocupar com aqueles que têm uma religião e estão satisfeitos com ela.

O Espiritismo destina-se aos que ainda não encontraram seu ideal. A estes, sempre que interessados, podemos e devemos ajudar, expondo a conceituação doutrinária ou valendo-nos de incomparável recurso:

O livro espírita!

Geralmente temos dificuldade em escolher presente adequado para um amigo. Não raro optamos pelo supérfluo.

E se déssemos um livro espírita?

Aliás, uma pergunta pertinente, amigo leitor:

Há quanto tempo você não oferece um livro espírita de presente?

Lembrando, ainda, Castro Alves:

Oh! Bendito o que semeia

Livros... livros à mão cheia...

E manda o povo pensar!

O livro caindo n'alma

É germe – que faz a palma,

É chuva – que faz o mar.

Mil vezes bendito o que semeia livros espíritas e manda o povo pensar em termos de vida espiritual, iluminando as consciências e aquecendo os corações.

Todos os dias

Se você fizer uma pesquisa no Centro Espírita, prezado leitor, verificará que raros estudaram *O Livro dos Espíritos*.

Pior: poucos leram essa obra maior da Doutrina, embora se trate de *best-seller* permanente, sucesso de vendas, a esgotar sucessivas edições, de inúmeras editoras. Situa-se como mero enfeite de biblioteca para muita gente.

É lamentável, porquanto ninguém pode dizer que conhece a Doutrina sem ter estudado essa obra básica, da mesma forma que risível será alguém pretender-se alfabetizado se desconhece o abecedário.

O Livro dos Espíritos é o manual de alfabetização espiritual, oferecendo-nos uma visão ampla e abrangente dos princípios espíritas, cujo estudo nenhum proficiente pode negligenciar.

Note, caro leitor, que Kardec fez, sob orientação dos Espíritos Superiores, um maravilhoso compêndio que se reporta, em síntese, a todos os problemas humanos.

Seja qual for sua dúvida, a respeito de qualquer assunto, sempre haverá ali uma resposta.

Abrangente, fala-nos de Deus, da Criação, da origem, natureza e imortalidade dos Espíritos, das leis divinas, das conseqüências das ações humanas na vida espiritual...

Aborda temas do dia-a-dia, como:

- Nascimento e morte.
- Aborto.
- Morte aparente, letargia e catalepsia.
- Morte de entes queridos.
- Crianças e adultos.
- Sexo e amor. Almas gêmeas.
- Família. Uniões simpáticas e antipáticas.
- Casamento, celibato, poligamia.
- Doenças mentais, influência dos Espíritos.
- Sono e sonhos.
- Protetores espirituais, anjos de guarda.
- Talismãs, feiticeiros, bruxos.
- Pressentimentos, antecipação do futuro.
- O Bem e o mal.

- A oração.
- Materialismo e politeísmo.
- O instinto de conservação e a destruição.
- Flagelos e guerras.
- Pena de morte.
- Civilização e povos degenerados. Crueldade.
- Desigualdades sociais, mentais e morais.
- Determinismo e livre-arbítrio.
- Liberdade e escravidão.
- Direito natural e humano.
- Direitos e funções do homem e da mulher.
- As paixões. Egoísmo, orgulho, vaidade.
- Felicidade e infelicidade.
- Angústia e depressão.
- A virtude e o vício.
- Suicídio.
- Vida futura. Paraíso, inferno, purgatório.

Seja qual for o tema ou sua dúvida, você sempre encontrará uma resposta em suas páginas.

Será a preferência de qualquer pessoa de bom senso, convidada a escolher um livro que a prepare para enfrentar os desafios da vida e os mistérios da morte.

Toda a literatura espírita, de escritores encarnados e desencarnados, representa mero desdobramento de *O Livro dos Espíritos*.

Sempre que algum livro supostamente espírita fuja à conceituação ali contida, por ignorância ou pretensão de originalidade, deve ser rechaçado pelo leitor atento. Situa-se fora do contexto doutrinário.

Embora exercitando a arte de escrever, com perfeito conhecimento dos meandros da gramática, sabe o escritor diligente que não pode dispensar os benefícios do dicionário.

O Livro dos Espíritos é o nosso dicionário para questões doutrinárias, o manual perfeito de reciclagem que deve caracterizar o espírita diligente e esclarecido.

Ouvi de Divaldo Pereira Franco, nosso grande bandeirante do Espiritismo, que, após ler pela primeira vez *O Livro dos Espíritos*, indagou de um mentor espiritual qual deveria ser o próximo.

Resposta: *O Livro dos Espíritos*.

Leu pela segunda vez. Nova indagação. Mesma resposta.

Obviamente não pretendia o mentor que o médium ficasse apenas nessa leitura, mas que jamais deixasse de ter *O Livro dos Espíritos* como referência e fonte de orientação.

Há um ponto a favor dos negligentes.

O Livro dos Espíritos não é leitura fácil. Foi escrito em Paris, no século XIX, numa época em que era a Cidade-Luz, centro cultural da Humanidade. Linguagem erudita. Assusta quem não convive com os livros.

Talvez ajude, se mudarmos o enfoque.

Encarar *O Livro dos Espíritos* como um roteiro que procuramos, diariamente, para equacionar os problemas do cotidiano. Nele teremos sempre a orientação mais segura, à luz da Doutrina Espírita.

Um deles, cuja solução é de importância fundamental em favor de nossa felicidade, está equacionado na questão 919 e seu desdobramento.

Não vou transcrevê-la para que a curiosidade dê a este escriba o prazer de colocar *O Livro dos Espíritos* em suas mãos.

Templo sagrado

Você há de ter notado, prezado leitor, que as reuniões públicas, nos Centros Espíritas, são abertas e encerradas com uma oração, pronunciada em expressões simples, a evocar as bênçãos divinas sobre os participantes.

O dirigente em prece situa-se como o condutor de uma orquestra, procurando estabelecer o que Allan Kardec define como uma *comunhão de pensamentos*.

Quanto mais atentos os presentes, fixados na oração, mais harmônico o ambiente, favorecendo melhor aproveitamento, tanto no aprendizado quanto nos benefícios que a reunião pode oferecer.

Mentores espirituais transitam pelo recinto, auscultando os participantes, detectando seus problemas, definindo a assistência espiritual que lhes será prestada, especialmente na aplicação do passe magnético.

Pessoas desinteressadas, que comparecem por insistência de familiares, totalmente alheias aos objetivos da reunião, comportam-se como músicos desafi-

nados de uma orquestra, conturbando o ambiente e prejudicando a ação dos mentores espirituais.

Forçoso reconhecer que a evocação das bênçãos do Céu, na prece, significa que, em princípio, estamos num templo de sagrados valores espirituais, tanto quanto numa igreja católica, evangélica, pentecostal ou de outra denominação religiosa.

Embora o Centro Espírita seja para muitos que o procuram uma espécie de hospital para males do corpo e da alma, o aspecto *templo* deve ser destacado, sob pena de não recebermos os benefícios desejados.

Isso implica, obviamente, uma postura de contrição e seriedade, que nos coloque em sintonia vibratória com os mentores espirituais que nos auscultam e auxiliam.

Inconcebível, no recinto das reuniões, ocorrências que não raro se observam, como:

- Conversa.

Geralmente os expositores são inspirados a abordar temas relacionados com as necessidades do público. É ponto pacífico que o esclarecimento que oferecem é muito mais impor-

tante do que a aplicação do passe magnético. Este cuida de efeitos, enquanto as palestras cuidam das causas. Quem se distrai em conversa inconvêniente, além de nada assimilar, atrapalha quem fala e quem está interessado em ouvir.

- Trajes.

Em alguns Centros há cartazes listando trajes proibidos como bermudas, shorts, camisetas cavadas, chinelos, etc. Há quem considere absurdas tais exigências, uma interferência indébita no livre arbítrio das pessoas. Absurda é a necessidade de estabelecer esses critérios, simplesmente porque há quem confunda o Centro Espírita com balneário. Trajes sumários contrastam com a seriedade do ambiente.

- Discrição.

Em público, beijos e abraços, entre namorados, antes considerados atentados ao pudor, hoje, neste clima de *liberou geral*, não sofrem restrições policiais. Imperioso, entretanto, considerar o respeito ao ambiente, em benefício dos próprios interessados. Se a sensualidade se expande, a espiritualidade se retrai.

- Telefone.

Pessoas desligadas e celulares ligados constituem eficiente instrumental de Espíritos obsessores que querem perturbar a reunião.

Pior quando o portador do inconveniente aparelho atende ao chamado em pleno recinto.

– Se for comigo, diga que não posso atender – costuma dizer um confrade irreverente, quando toca um celular durante sua exposição.

- Crianças.

Espantosa a tranqüilidade de algumas mães, diante de pequenos que se movimentam entre as poltronas, ou choram, impertinentes.

Desconfiômetro desligado, insistem em permanecer no recinto, duro teste de paciência para os expositores e o público presente.

Imperioso atentar à solenidade do ambiente, numa reunião pública de Espiritismo.

Embora sem ritos e rezas que caracterizam as religiões tradicionais, estamos numa atividade de ascendentes religiosos, que exige seriedade e compostura de nossa parte.

Assim agindo, estaremos aptos a enriquecer nosso conhecimento, habilitando-nos a receber em plenitude os benefícios da espiritualidade.

Se ocorrer o contrário, seremos os lamentáveis *músicos desafinados* a conturbar o ambiente.

A terapia do passe

Transusão de energias, o passe magnético é um recurso milenar, usado desde as culturas mais remotas, com resultados surpreendentes, em favor da saúde humana.

Foi largamente empregado por Jesus. Dotado de potencial incomparável, o Mestre curava insidiosos males do corpo e da alma. Multidões o buscavam, atraídas muito mais pelos prodígios que operava sem que se atentasse à excelência de seus princípios.

Algo semelhante ocorre na atualidade com o Espiritismo. As pessoas comparecem ao Centro Espírita como quem vai a um hospital, em busca de cura para males variados.

Expositores costumam evocar velho adágio, que até parece versículo evangélico:

Quem não vem pelo amor, vem pela dor.

Raros procuram a Doutrina movidos pelo amor ao conhecimento.

A dor é bem o *Sino de Deus* a nos convocar para o exercício de religiosidade. Quando plange, insistente, a alma se põe genuflexa, com disposição até para enfrentar os preconceitos ditados pela ignorância, em busca de cura para seus males.

E situa-se o Centro Espírita como hospital, num primeiro momento, escola depois; por último, abençoada oficina de trabalho para aqueles que perseveram na freqüência, *acordados* para os objetivos do mergulho na carne, definidos na questão 132, de *O Livro dos Espíritos*, quando Kardec pergunta qual o objetivo da encarnação dos Espíritos.

Responde o mentor espiritual:

Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal; nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta.

O mentor espiritual que assistia Kardec enfatiza as maravilhosas oportunidades de progresso e de participação na obra da Criação que Deus nos oferece na experiência humana, utilizando essa máquina incomparável que é o corpo humano.

Por mau uso, a desgastamos e desarranjamos freqüentemente. Em nosso socorro, a Misericórdia Divina mobiliza infinitos recursos para o *conserto*.

Dentre eles, o maravilhoso passe magnético.

Imperioso, porém, alertar os beneficiários de que sua eficiência obedece a dois fatores primordiais:

O primeiro é a capacidade do passista, subordinada não tanto ao conhecimento da mecânica do serviço, mas, sobretudo, à pureza de seus sentimentos e ao desejo de servir.

Passista distraído do empenho de renovação e que desenvolve essa atividade como um assalariado, interessado nos benefícios que receberá, sem cogitar dos benefícios que deve prestar, jamais será um instrumento confiável da espiritualidade.

Noutro dia perguntaram-me se alguém assim pode prejudicar o paciente.

Só se houver intencionalidade. Se o passista, com raiva do paciente, impuser-lhe as mãos a afirmar, em pensamento:

– Quero que você se dane! Que fique doente e morra!

Assustador, amigo leitor?

Não se preocupe. Seria apenas uma vibração negativa, do mesmo teor deletério de quem grita, xinga, ofende, capaz de causar embaraços ao objeto dela, mas considerado aqui o fator sintonia.

Se o *bombardeado* tem um comportamento equilibrado, habituado à oração, a cultivar a serenidade, não será afetado.

E esteja sossegado. Ninguém se dispõe a participar do serviço do passe com a intenção de prejudicar desafetos.

Considerando que a assistência espiritual é sempre monitorada e sustentada por mentores espirituais, as deficiências humanas podem ser superadas, desde que seja cumprida a outra condição: a receptividade do paciente. O aproveitamento depende de seu empenho por colocar-se em sintonia com o serviço.

Para que isso ocorra, é importante que nas palestras doutrinárias seja explicado aos interessados o que é o passe, como funciona e quais as condições necessárias a fim de que surta efeito.

Cuidados indispensáveis:

- Disciplina das emoções.

No atendimento fraterno:

– Preciso de um passe. Estou muito irritado, com os nervos em frangalhos. Tive uma discussão homérica com minha esposa. Quase chegamos a *vias de fato*.

Difícilmente será beneficiado, porquanto espera pelo passe para eliminar a irritação, sem compreender que é preciso evitar a irritação para receber o passe.

- Atenção às palestras.

Fala-se de Espíritos obsessores que procuram neutralizar com o sono a assimilação de esclarecimentos capazes de subtrair os participantes à sua influência.

Pode acontecer, mas na maior parte das vezes o que ocorre é o desinteresse. São freqüentadores que vêm o recinto das palestras como uma sala de espera de atendimento médico, situando-se em modorrento alheamento, que favorece o sono.

- Silêncio e contrição.

Favorecendo a eficiência do serviço, os Centros Espíritas tendem a realizar o atendimento magnético após o trabalho doutrinário, nas chamadas câmaras de passes.

Enquanto espera, há quem aproveite para confraternizar com amigos e conhecidos ali presentes, abordando, não raro, assuntos que não interessam à economia do ambiente, favorecendo uma quebra de sintonia que vai tornar menos eficiente o passe.

Melhor o silêncio, com leitura de algo edificante ou a meditação em torno dos temas abordados pelos expositores.

Duas observações de Jesus, endereçadas às pessoas beneficiadas por suas curas, devem merecer nossa atenção.

Tua fé te salvou!

Os cuidados a que nos referimos favorecem a sintonia do paciente com o passista, mas a receptividade, a possibilidade de assimilar plenamente os benefícios oferecidos, depende da confiança plena, da certeza absoluta de que estamos nos submetendo a uma terapia capaz de nos beneficiar.

As curas operadas por Jesus não constituíam o prêmio da fé.

O Mestre não curava porque as pessoas acreditavam nele.

Curava porque elas sintonizavam com seus poderes.

Vai e não peques mais para que te não suceda pior!

Voltamos aqui à questão do uso. Se nossos males são decorrentes da má utilização da máquina física, de nada valerá o *conserto*, se insistimos no mesmo comportamento.

Com o tempo o passe parece *perder a força*, já não traz os benefícios desejados, e o paciente acaba buscando outro Centro, *mais forte*, sem noção de que os benfeitores espirituais estabelecem limites à sua ação.

Se constatam que os beneficiários não se conscientizam quanto à necessidade de superar mazelas e imperfeições, deixam que o *Sino de Deus* continue a repicar, até que superem a *sonolência* e despertem para os objetivos da existência humana.

Boa e santa passagem

Minha saudosa *vó* Helena, imigrante italiana, mãe de meu pai, guardava um anseio que se fazia sempre presente em suas orações.

Rogava a Deus lhe desse uma *boa e santa passagem*.

Não queria mofar num leito.

Que fosse rápido o seu retorno à Vida Espiritual, coração em paz, protegida por dedicados mentores.

Quando chegou sua hora obteve do Céu o *visto* almejado.

Sofreu um AVC, o acidente vascular cerebral. Rompeu-se um vaso em seu cérebro, promovendo, em breves horas, sua transferência para além-túmulo.

Sabemos, leitor amigo, que a morte súbita não é boa alternativa para o Espírito. Partir de repente impõe ao desencarnante traumas e angústias, a não ser que esteja preparado para a grande transição.

Além de estar preparada, *vó* Helena tinha valioso atestado de aproveitamento da jornada humana, em profícua existência que se estendeu aos setenta e quatro anos.

Meu avô Afonso morreu com cerca de quarenta anos, sem deixar recursos para o sustento da família.

Viúva jovem, com oito filhos para criar, *vó* Helena lutou muito, enfrentou imensas dificuldades, mas sempre confiante em Deus e generosa com as pessoas.

Vovó tinha convicção de que a morte seria apenas um retorno à pátria comum.

Não tinha medo.

Tudo o que desejava era uma transição tranquila.

Essa consciência de imortalidade não é comum.

As pessoas normalmente revelam crença superficial. Acreditam vagamente na vida futura, sem que isso repercuta no seu dia-a-dia.

Isso pode ser constatado pela própria maneira como se referem aos mortos.

Quando falece um familiar querido, a pessoa lamenta:

Perdi meu filho...

Perdi meu pai...

Perdi meu marido...

Se amanhã seu filho, leitor amigo, for estudar fora ou mudar-se para outra cidade, você dirá que o perdeu?

Obviamente, não.

Informará apenas que ele está morando alhures.

O verbo perder, em se tratando da morte, tem uma carga negativa, terrivelmente desajustante.

Passa a idéia de definitiva e intolerável privação.

Melhor dizer que o filho partiu.

É mais leve, sugere uma separação transitória que faz parte dos projetos divinos para jornada humana, em favor de experiências necessárias ao nosso crescimento espiritual.

Algo das ilusões terrestres se vai com os amados que partem, convidando-nos a valiosas reflexões em favor de uma existência mais consciente e disciplinada.

A morte é exatamente o que vovó dizia:

A *passagem* de retorno à nossa pátria, o Mundo Espiritual, de onde viemos para as experiências na carne.

Será *boa*, sem traumas e perplexidades, se estivermos preparados, cultivando aqueles valores espirituais que, segundo Jesus, as traças não roem nem os ladrões roubam.

Será *santa*, habilitando-nos ao imediato reencontro com os amados que nos precederam, se trouxermos a consciência tranqüila pelo dever cumprido, no empenho de servir.

Praza aos céus, faça eu por merecer, como vó Helena, uma *boa e santa passagem*, com a certeza de que ela estará formando, com outros familiares queridos, um abençoado *comitê de recepção*.

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

- 01 – PARA VIVER A GRANDE MENSAGEM 1969
Crônicas e histórias.
Ênfase para o tema Mediunidade.
Editora: FEB
- 02 – TEMAS DE HOJE, PROBLEMAS DE SEMPRE 1973
Assuntos de atualidade.
Editora: Correio Fraternal do ABC
- 03 – A VOZ DO MONTE 1980
Comentários sobre "O Sermão da Montanha".
Editora: FEB
- 04 – ATRAVESSANDO A RUA 1985
Histórias.
Editora: IDE
- 05 – EM BUSCA DO HOMEM NOVO 1986
Parceria com Sérgio Lourenço
e Therezinha Oliveira.
Comentários evangélicos e temas de atualidade.
Editora: EME
- 06 – ENDEREÇO CERTO 1987
Histórias.
Editora: IDE
- 07 – QUEM TEM MEDO DA MORTE? 1987
Noções sobre a morte e a vida espiritual.
Editora: CEAC
- 08 – A CONSTITUIÇÃO DIVINA 1988
Comentários em torno de "As Leis Morais",
3ª parte de O Livro dos Espíritos.
Editora: CEAC

- 09 – UMA RAZÃO PARA VIVER 1989
Iniciação espírita
Editora: CEAC
- 10 – UM JEITO DE SER FELIZ 1990
Comentários em torno de
“Esperanças e Consolações”,
4ª parte de O Livro dos Espíritos.
Editora: CEAC
- 11 – ENCONTROS E DESENCONTROS 1991
Histórias.
Editora: CEAC
- 12 – QUEM TEM MEDO DOS ESPÍRITOS? 1992
Comentários em torno de “Do Mundo Espírita e
dos Espíritos”, 2ª parte de O Livro dos Espíritos.
Editora: CEAC
- 13 – A FORÇA DAS IDÉIAS 1993
Pinga-fogo literário sobre temas de atualidade.
Editora: O Clarim
- 14 – QUEM TEM MEDO DA OBSESSÃO? 1993
Estudo sobre influências espirituais.
Editora: CEAC
- 15 – VIVER EM PLENITUDE 1994
Comentários em torno de “Do Mundo Espírita e
dos Espíritos”, 2ª parte de O Livro dos Espíritos.
Seqüência de Quem Tem Medo dos Espíritos?
Editora: CEAC
- 16 – VENCENDO A MORTE E A OBSESSÃO 1994
Composto a partir dos textos de Quem Tem Medo
da Morte? e Quem Tem Medo da Obsessão?
Editora: Pensamento
- 17 – TEMPO DE DESPERTAR 1995
Dissertações e histórias sobre temas de atualidade.
Editora: FEESP
- 18 – NÃO PISE NA BOLA 1995
Bate-papo com jovens.
Editora: O Clarim
- 19 – A PRESENÇA DE DEUS 1995
Comentários em torno de “Das Causas Primárias”,
1ª parte de O Livro dos Espíritos.
Editora: CEAC
- 20 – FUGINDO DA PRISÃO 1996
Roteiro para a liberdade interior.
Editora: CEAC
- 21 – O VASO DE PORCELANA 1996
Romance sobre problemas existenciais, envolvendo
família, namoro, casamento, obsessão, paixões...
Editora: CEAC
- 22 – O CÉU AO NOSSO ALCANCE 1997
Histórias sobre “O Sermão da Montanha”.
Editora: CEAC
- 23 – PAZ NA TERRA 1997
Vida de Jesus – nascimento ao início do apostolado.
Editora: CEAC
- 24 – ESPIRITISMO, UMA NOVA ERA 1998
Iniciação Espírita.
Editora: FEB
- 25 – O DESTINO EM SUAS MÃOS 1998
Histórias e dissertações sobre temas de atualidade.
Editora: CEAC

- 26 – LEVANTA-TE!
Vida de Jesus – primeiro ano de apostolado.
Editora: CEAC 1999
- 27 – LUZES NO CAMINHO
Histórias da História, à luz do Espiritismo.
Editora: CEAC 1999
- 28 – TUA FÉ TE SALVOU!
Vida de Jesus – segundo ano de apostolado.
Editora: CEAC 2000
- 29 – REENCARNAÇÃO – TUDO O QUE VOCÊ
PRECISA SABER
Perguntas e respostas sobre a reencarnação.
Editora: CEAC 2000
- 30 – NÃO PEQUES MAIS!
Vida de Jesus – terceiro ano de apostolado.
Editora: CEAC 2001
- 31 – PARA RIR E REFLETIR
*Histórias bem-humoradas, analisadas à luz da
Doutrina Espírita.*
Editora: CEAC 2001
- 32 – SETENTA VEZES SETE
Vida de Jesus – últimos tempos de apostolado
Editora CEAC 2002
- 33 – MEDIUNIDADE, TUDO O QUE
VOCÊ PRECISA SABER
Perguntas e respostas sobre mediunidade
Editora CEAC 2002
- 34 – ANTES QUE O GALO CANTE
Vida de Jesus – o Drama do Calvário
Editora CEAC 2003
- 35 – ABAIXO A DEPRESSÃO!
Profílixia dos estados depressivos
Editora CEAC 2003
- 36 – HISTÓRIAS QUE TRAZEM FELICIDADE
Parábolas evangélicas, à luz do Espiritismo
Editora CEAC 2004
- 37 – ESPIRITISMO, TUDO O QUE
VOCÊ PRECISA SABER
Perguntas e respostas sobre a Doutrina Espírita
Editora CEAC 2004
- 38 – MAIS HISTÓRIAS QUE TRAZEM FELICIDADE
Parábolas evangélicas, à luz do Espiritismo
Editora CEAC 2005
- 39 – RINDO E REFLETINDO COM CHICO XAVIER
*Reflexões em torno de frases e episódios bem
Humorados do grande médium.*
Editora CEAC 2005
- 40 – SUICÍDIO, TUDO O QUE VOC PRECISA SABER
*Noções da Doutrina Espírita sobre a problemática
do suicídio.* 2006
- 41 – RINDO E REFLETINDO COM CHICO XAVIER
Volume II
*Reflexões em torno de frases e episódios bem
Humorados do grande médium.* 2006

- 42 – TRINTA SEGUNDOS 2007
Temas de atualidade em breves diálogos.
- 43 – RINDO E REFLETINDO COM A HISTÓRIA 2007
*Reflexões em torno da personalidade de figuras
 ilustres e acontecimentos importantes da História*
- 44 – O CLAMOR DAS ALMAS 2007
Histórias e dissertações doutrinárias



Conheça a série sobre o Evangelho, em que Richard Simonetti descreve a luminosa trajetória de Jesus, do nascimento ao Drama do Calvário, abordando os episódios mais significativos de seu apostolado.

São seis livros:

Paz na Terra
 Do nascimento ao início da vida pública.

Levanta-te!
 Primeiro ano.

Tua fé te salvou!
 Segundo ano.

Não peques mais!
 Terceiro ano.

Setenta vezes sete
 Últimos tempos.

Antes que o Galo Cante
 Drama do Calvário.

Encante-se com as mais gloriosas páginas da História!

Inspire-se em Jesus, a figura maior da Humanidade!

SOCIEDADE ESPÍRITA
 JOÃO DE DEUS
 8140.810

